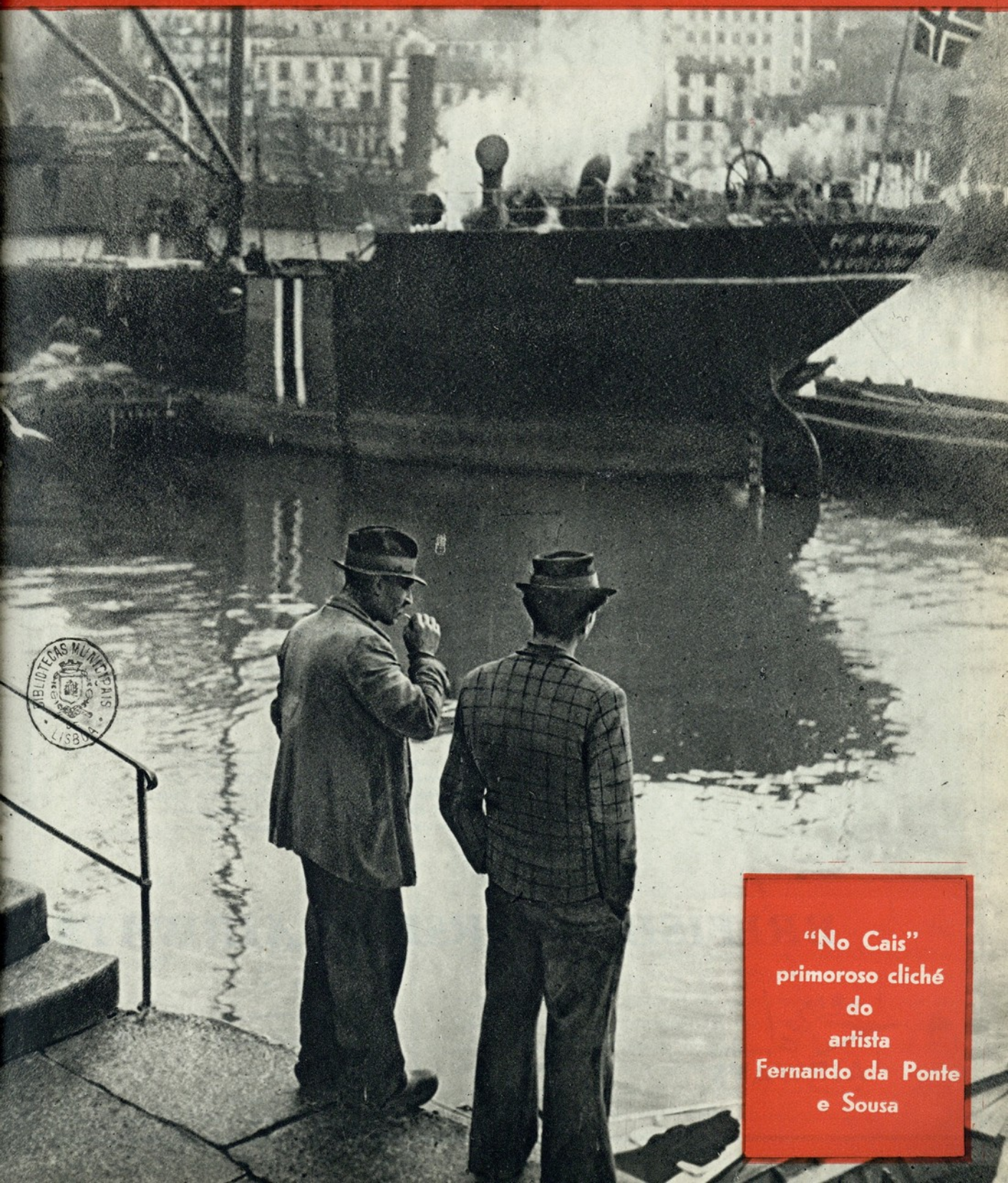


# MUNDO GRÁFICO

10  
DEPÓSITO LEGAL  
MAR. 1941



**"No Cais"**  
primoroso cliché  
do  
artista  
Fernando da Ponte  
e Sousa

# OS VELHOS AMIGOS SÃO OS MELHORES



A Portugal — o mais antigo aliado da Grã-Bretanha — a Grã-Bretanha oferece os meios de transporte mais modernos. É natural que a Grã-Bretanha continue a manter os serviços para Portugal e vice-versa durante esta guerra — a maior da história — estreitando dest'arte os laços que sempre uniram estas duas nações. A viagem de Lisboa a Londres leva somente poucas horas. Transportam-se passageiros malas e frete. Viage de avião — é rápido, confortável e conveniente — e reflete a importância de V. S. e do seu negócio

*A passagem simples é de 2.750 escudos. Demais informações do representante da BRITISH OVERSEAS AIRWAYS, a/c James Rawes & Co., Rua Bernardino Costa 47, Lisboa; E. Pinto Basto & Cia. Ltda., Avenida 24 de Julho 1, Lisboa e todas as agências de viagens importantes*

## BRITISH OVERSEAS AIRWAYS



## Sumário

CRÔNICA INTERNACIONAL, por «O Observador»

JOHN WINANT, biografia

A ALMA DOS MUSEUS

O ESFORÇO MILITAR DOS ESTADOS UNIDOS

OS ENSINAMENTOS DA CAMPANHA DE ÁFRICA,  
pelo tenente-coronel Lelo Portela

UMA NOITE DE TEATRO, pelo dr. Vasco de Men-  
donça Alves

QUAL O SÍTIO MAIS BONITO DE LISBOA? Res-  
ponde Luiz Pastor de Macedo

A RONDA DA NOITE, por F. C.

QUATRO PÁGINAS COM FOTOGRAFIAS INÉDITAS  
DA GUERRA EM ÁFRICA

A OBRA DE JULIO DINIZ, pelo dr. Vitorino Ne-  
mésio

A OFENSIVA SUBMARINA E AS SUAS NOVAS  
PERSPECTIVAS, por Náutilus

RETRATO GRAFOLÓGICO DE CHURCHILL, pelo  
dr. Roberto das Neves

COMUNICAÇÕES CORTADAS, página gráfica

ESTÁ SALVA A TÔRRE DE BELÉM

AS LUZES DA CIDADE, por João de Ourém

BADEN POWELL, FUNDADOR DO ESCOTISMO

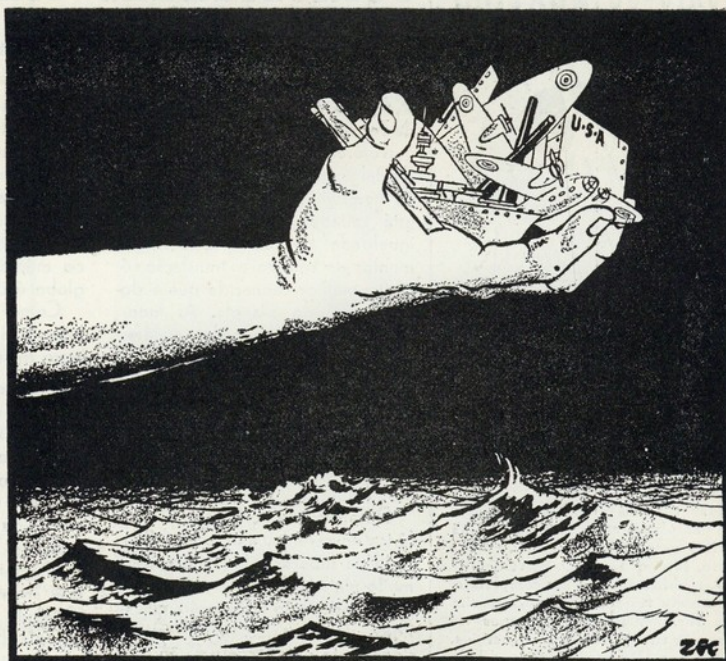
VICTOR SILVA OU PEYROTEO? por Cândido de  
Oliveira

A «CAIXA» DOS GRANDES ARMAZENS, novela de  
Aleixo Ribeiro

CRÔNICA ALEGRE, de Marçal Saldanha

UMA GRANDE LIÇÃO DA GRAN-BRETANHA, por  
António Lourenço

## A ATITUDE DOS ESTADOS UNIDOS



A mão forte da América estende-se sobre o Atlântico para auxiliar a Inglaterra

## OS SERVIÇOS DA "SHELL"



A organização dos serviços de abastecimento dos aviões das linhas comerciais tem excepcional importância na regularidade das carreiras. A SHELL é a companhia de combustíveis para motores de aeroplanos que dispõe de um dos melhores conjuntos de reabastecimento dos aparelhos que servem todas as linhas de transportes aéreos. A fotografia mostra o momento em que um dos auto-tanques da SHELL faz o «pleno» de um trimotor no aeródromo da Granja de Marquês

Para  
conhecer  
Portugal  
consulte  
a C. P.

### Informações:

em todas as estações

— em Lisboa, no serviço do

Tráfego — Telefone 2 4031

— no Porto, na estação de

S. Bento — Telefone 1722

## Sente-se ABATIDO e não sabe porquê?



Sente-se abatido, acabrunhado, sem energia?

Tem dores de cabeça e espirra sem razão?

Tem dores nas costas e nas pernas?

Tudo isto são sintomas de prisão de ventre.

Mas as suas funções intestinais são absolutamente regulares? Há muitas pessoas assim e que, no entanto, sofrem de prisão de ventre.

A eliminação deve ser completa e, ao mesmo tempo, regular. Se assim não for, acumulam-se venenos no sangue e tiram-lhe todas as energias.

Um remédio muito recomendado pelos médicos, para o mal que o aflige, são os Sais Kruschen, que não se tornam hábito. A «pitada» de Kruschen, que contém os sais minerais necessários para assegurarem o perfeito funcionamento intestinal, ser-lhe-á preciosa. Os venenos serão expulsos do seu organismo e a saúde acentuar-se-á dia a dia.

A pitada de  
**KRUSCHEN**  
basta para que se sinta optimamente

Toma-se com o chá ou em água quente. Kruschen vende-se em todas as farmácias, a 17\$00 e 10\$00 escudos o frasco.

## É um horror depois das refeições!

São dores, azia, flatulência? Não pode prosseguir nos seus trabalhos nem mesmo cuidar dos seus filhos?

Certamente ainda não experimentou tomar duas Pastilhas Rennie depois de comer. Se o tivesse feito, veria como todos os seus incómodos lhe passavam e se sentiria feliz.

As Pastilhas Digestivas Rennie contêm anti-ácidos que acabam com a azia; absorventes que suprimem os gases e fermentos que facilitam o trabalho digestivo. Para tomar as Pastilhas Rennie não precisa de água, o que as torna sumamente cómodas. Mete as pastilhas na boca e deixa que a saliva, à medida que as vai chupando, se encarregue de servir de veículo aos seus componentes, sem os diluir e sem lhes tirar qualquer das suas propriedades. Geralmente, bastam duas Pastilhas Rennie para acabarem com as dores de estômago, com a azia ou com a flatulência. Experimente tomar Rennie ainda hoje. Vende-se em todas as farmácias a Esc. 6\$00 os pacotes de 25 e Esc. 20\$00 os de 100 pastilhas.

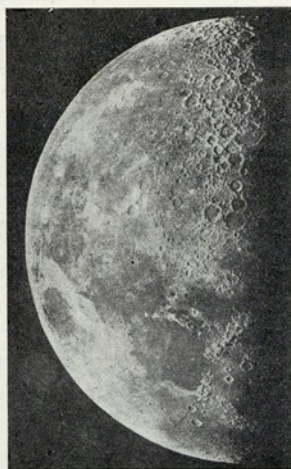
## CURIOSIDADES CIENTÍFICAS

### Como se mede a distância da Terra à Lua

A Lua é o astro mais próximo da Terra e, por isso mesmo, aquele que oferece um estudo mais curioso. De tal maneira que, a topografia do hemisfério que constantemente está voltado para nós, mercê da igualdade de tempo dos movimentos de rotação e translação, é muito melhor conhecida que a do nosso próprio planeta. As montanhas, cordilheiras, vales, crateras de extintos vulcões, lagos imensos e oceanos profundos onde já não existe uma gota de água são conhecidos nos mínimos pormenores, graças à extraordinária aproximação obtida com os modernos telescópios e lunetas.

Desprotegida de camada atmosférica envolvente, a observação directa da superfície lunar tornou-se muito mais fácil.

De facto, não se encontram vestígios de atmosfera ou é tão insignificante que a sua pressão não pode ultrapassar um milímetro de mercúrio, escapando-se, assim, às mais cuidadosas observações. Não



O primeiro quarto da Lua. Na linha que começa a desaparecer na sombra vêem-se crateras, círculos e cordilheiras

quiere dizer, no entanto, que a não houvesse outrora.

O nosso simpático satélite tem 3.480 quilómetros de raio e, portanto, é 49,2 vezes mais pequeno do que a terra. A sua massa é aproximadamente 1/81,5 a do nosso planeta e a sua densidade média 3,33. Sob o ponto de vista orográfico, a Lua pode dividir-se em duas regiões distintas: a do norte, caracterizada por enormes superfícies cinzentas recortadas de raríssimos relevos a que os primitivos observadores deram imprópriamente o nome de mares; a do sul, erizada de montanhas elevadíssimas, separadas por vales

profundos. Percorre a sua trajetória elíptica em 27 dias, 7 horas e 46 minutos. Como faz uma rotação completa sensivelmente em igual espaço de tempo, o dia lunar corresponde a 13 dias, 15 horas e 52 minutos terrestres. A distância média que a separa do nosso globo é de 384.000 quilómetros.

Como é possível determinar essa distância? Expomos o processo mais simples.

Observações feitas à superfície da terra estabeleceram que, para ver as extremidades de qualquer objecto segundo o ângulo de um grau é necessário que ele esteja afastado do observador 57 vezes a medida que separa essas extremidades. Quere dizer: para que o diâmetro de uma esfera com dois metros de raio seja visto sob o ângulo de um grau, é necessário que ela diste do observador 57 vezes 4 metros ou sejam 228 metros.

Portanto, podemos pôr imediatamente o nosso problema: sabendo que a diâmetro da Terra mede 12.800 quilómetros, sob que ângulo ele será visto por um observador colocado na Lua?

E' fácil determiná-lo. Coloca-se um observador, por exemplo, em Paris e outro na Nova-Zelândia (nos antípodas). Precisamente à mesma hora, visam com um teodolito o mesmo ponto da Lua e medem o ângulo que faz o raio visual com a vertical do lugar de observação, obtida com um fio de prumo. Os dois ângulos variam, evidentemente, com a posição relativa da Lua no instante da observação, mas a sua soma é sempre de 178 graus. Ora, sabe-se que a soma dos ângulos internos de qualquer triângulo não pode ser nem inferior nem superior a 180 graus. Consequentemente, se sabemos a soma de dois ângulos, para encontrar o valor do terceiro, basta subtrair de 180. Obtemos, portanto, 180 menos 178 igual a 2 graus. Logo, um observador colocado na Lua vê o diâmetro da Terra segundo um ângulo de dois graus. Mas, para que determinada medida seja vista sob um ângulo daquele valor é necessário que o observador esteja afastado 30 vezes essa medida. Concluimos, pois, que a distância da Terra à Lua é 12.800 quilómetros (diâmetro da Terra) vezes 30, igual a 384.000 quilómetros.

Como o leitor vê, não há dificuldade alguma. Basta que combine com um amigo e tire à sorte qual fará uma viagem aos antípodas conservando-se o outro em Lisboa.

## “O efeito do BIOCEL Alimento da Pele foi Mágico”

diz Mlle. MARCILA



Ao fim de alguns dias vi as minhas rugas e linhas começarem a desaparecer. Em algumas semanas, parecia 10 anos mais nova. O «BioCel» — disse-me um médico — foi descoberto por um grande professor da Universidade de Viena. Cada boião de Creme Tokalon Cór de Rosa contém o actualmente. Empregue este creme todas as noites antes de se deitar e, de manhã, use Creme Tokalon de cor Branca. Isto dará rapidamente um brilho de mocidade e um renovoamento de vitalidade a qualquer tez escura e terrosa, tornará a pele clara, fresca, firme e isenta de imperfeições e de rugas.

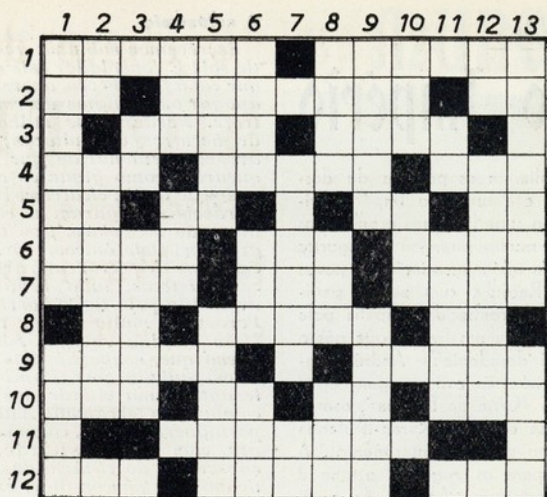
A' venda nas perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando, dirija-se à Agência Tokalon — 88, Rua da Assunção — Lisboa — que atende na volta do correio.

## Neogra- vura, L.<sup>da</sup>

Heliogravura de arte

Trabalhos gráficos em todos os géneros

Oficinas:  
Trav. da Oliveira (à Estrêla), 4-10  
Agência Geral:  
Rua Nova do Almada, 53 - 2.º  
L I S B O A



PROBLEMA N.º 10

## HORIZONTAIS

- 1 — Gaiata; adorno.
- 2 — Artigo (pl); cidade inglesa; antes de Cristo (abrev.).
- 3 — Estômago; espaço de tempo.
- 4 — Manto de beduínos; expõemham à acção do fogo; vazia.
- 5 — Nome duma letra grega; viracão; interjeição de dor; prefixo grego que significa falta, privação.
- 6 — Pedra de cevar; acrescentei; repeti a leitura.
- 7 — Patenteie; interjeição de espanto; grande caixa de madeira.
- 8 — Preposição e artigo; nata do leite; macho.
- 9 — Macaco; ata de novo.
- 10 — Pronome indefenido; nome duma letra grega; aspecto; substância resultante da combinação de um ácido com uma base.
- 11 — Cidade inglesa.
- 12 — Naquela lugar; género de plantas de que se conhecem várias espécies; repetição distinta dum som.

## VERTICAIS

- 1 — Espécie de varanda; instrumento para marcar ângulos.
- 2 — Carta de jogar; cidade da Índia inglesa.
- 3 — Utensílio doméstico; perfume agradável.
- 4 — interjeição de chamamento;

moeda de prata da Índia Inglesa, submúltiplo da rupia.

- 5 — Ir de encontro; quadra para cantar.
- 6 — Espaço de tempo; relativo ao ar; caminhavas.
- 7 — Cidade inglesa; santo (abrev.).
- 8 — Queima; dirigiam-se; actua.
- 9 — Obstinação; peregrinação.
- 10 — Apêndice de certos utensílios; cólera.
- 11 — Ermo; desertas.
- 12 — Andava; cidade da Índia inglesa.
- 13 — Uma das partes em que se divide o Mundo e onde a Grã-Bretanha possui um importante domínio cuja actuação no actual conflito tem sido muito valiosa; alguma cousa.



Solução do Problema n.º 9



Esteve há dias em Lisboa, de passagem para Londres, Roberto Menzies, primeiro ministro da Austrália. Menzies visitou as denodadas forças do seu país, na Líbia, tendo percorrido trinta e três mil quilómetros, da Palestina a Benghazi, cinco mil dos quais em avião

## Tabacaria Inglesa

casa fundada em 1869



Agentes exclusivos das principais fábricas de cigarros e tabacos inglesas e americanas  
Jornais e revistas estrangeiras

praça Duque da Terceira, 18  
Lisboa

telefone 2 3846

apartado 129

## ELECTRO RECLAME, L.<sup>DA</sup>

RUA DA MÃI D'AGUA, 30-32—LISBOA

### ANÚNCIOS LUMINOSOS

em todos os géneros

### ILUMINAÇÕES

festivas e decorativas

### FONTES LUMINOSAS

fixas e a efeitos



## JOHN WINANT

**F**OI com estas palavras enigmáticas que o presidente Roosevelt anunciou aos jornalistas a nomeação do novo embaixador dos Estados Unidos em Londres:

— O embaixador está escolhido. Não direi, por enquanto, o seu nome. Ele próprio não sabe que o escolhi.

Poucos dias depois, os esforços de reportagem norte-americana desvendavam o segredo. Nem Wilkie, nem Gene Tuney, nem La Guardia, o sucessor de Kennedy seria John Winant. Não se descreve o espanto com que a notícia foi acolhida nas redações dos grandes quotidianos neoyorquinos, nos centros de propaganda eleitoral e nos círculos competentes de Washington. O novo embaixador alcançara, por direito de conquista, o primeiro ponto da diplomacia americana ao fim duma carreira pitoresca e movimentada. Nasceu em 1889 e seguiu, quando novo, as mais diversas profissões. A vida rústica atraiu-o e consumiu-lhe os melhores anos da mocidade. Aos vinte cinco anos entusiasmou-se pela causa dos aliados e ofereceu-se como voluntário para ocupar um lugar de risco na frente francesa. Soldado, piloto, comandante de esquadrilha notabilizou-se pela sua audácia e pela sua bravura pessoal. Vitorioso em vinte combates aéreos, alcançou as mais altas e honrosas condecorações. Terminada a guerra, regressou à pátria. O seu espírito activo e empreendedor descobriu facilmente novos horizontes: a indústria do jornal, o comércio de carburantes. Com a fortuna alcançou uma reputação sólida de homem empreendedor e perspicaz.

Aos quarenta anos conheceu a política. Sendo reeleito procurador de Hampshire, um dos estados mais difíceis de administrar nos Estados Unidos, foi chamado, a pesar de estar filiado nos partidos republicanos, para dirigir o «Social Security Board» no período agitado do New Deal. Especializou-se em assuntos de legislação social e foi enviado pelo presidente a Génova como delegado da nação americana à Repartição Internacional do Trabalho onde conquistou mais simpatias. Conheceu a Europa e a América onde viajou democraticamente. Amigo íntimo de Roosevelt a sua divisa de aviador «É preciso nunca perder a cabeça» diz com suficiente clareza o sentido prático que procurará imprimir à nova e importante missão de que foi incumbido.

## CRÓNICA INTERNACIONAL

# A solidês do Império

Nos últimos vinte anos não falaram os profetas de desgraça que anunciavam a dissociação e a ruína do Império britânico. Desde os jornalistas de visão superficial aos economistas munidos de estatísticas irrefutáveis, multiplicaram-se os augúrios que queriam o desaparecimento da maior associação de povos que a história regista. Raymond Recouly, cuja paixão partidária não conseguiu invalidar a sua conhecida simpatia pela ilha e pelo povo que a habita, escreveu um livro a que pôs o título profético: «A Inglaterra está decadente?» André Siegfried, cuja superioridade de espírito não evitou alguns erros evidentes de apreciação, deixou na «Crise da Europa», com o epitáfio da raça branca, a promessa de que a Gran-Bretanha não resistiria ao vendaval do tempo e dos acontecimentos. A guerra é, para as nações como para os regimes, o que a prova do fogo é para os metais preciosos. Ao fim de quase ano e meio de hostilidades a solidês do Império britânico afirma-se do Oceano Ártico ao Cabo da Boa Esperança, do Atlântico ao Pacífico, em todas as latitudes e em todos os pontos do globo onde se jogam, simultaneamente, os seus destinos.

As lições da história são frequentemente esquecidas pelos videntes profissionais. Em 1800, William Pitt falava já da «true wisdom» chamando à razão os célticos e os descrentes na sua própria terra, para lhes recomendar: «É preciso saber o que nos resta. Por grandes que sejam as perdas que sofremos, elas podem ser reparadas». Quem pensaria, nessa altura, que ao fim dum curto espaço de tempo, a Inglaterra reconstruía um Império mais poderoso do que aquele que acabava de perder, com a declaração de independência dos Estados Unidos?

Bernard Shaw fez uma série de conferências, que suscitaram escândalo público, sobre este tema publicitário: «Whiter Britain?» Ele próprio respondia à pergunta, anunciando o desmembramento do Império e mostrando a sua satisfação quando vaticinava que da catástrofe se salvariam a cultura e a nacionalidade britânica. André Siegfried, tão justo e objectivo em algumas passagens da sua obra, observa, em certa altura: «A Inglaterra, liberal em relação aos Domínios, por um sentido de alta sabedoria política, lamenta, no fundo, que eles se tenham transformado em centros para construção de novas fábricas».

Estas afirmações, desmentidas pelos factos, ao fim de vinte anos de paz e de ano e meio de guerra têm, vistas a distância, a configuração saborosa de aparências que a vontade dos homens e a energia dos povos arrastam e estoíram como bolas de sabão.

Que deviam pensar os adversários da Grã-Bretanha penetrados das ideias de superioridade social e de missão universal, quando alguns dos seus amigos, por ignorância ou pessimismo, viam avançar no horizonte as ameaças e os perigos?

Uns e outros não consideravam que o Império britânico constitui, na expressão apropriada do antigo ministro dos Domínios, Thomas, um tipo novo de comunidade política que não foi criada para fazer face a uma crise episódica, mas que resultou duma associação lenta e gradual de povos irmanados pelos mesmos sentimentos: o amor da liberdade, o respeito pelos outros, a devoção consciente pelos princípios do «Self Government».

O Império desenvolveu-se na paz e na prosperidade mas atingiu a sua maioria através de guerras e de inimidades, claras ou disfarçadas. A tradição é a sua maior força. O espírito de cooperação, a sua mais poderosa razão de existência e de duração. Esse espírito de cooperação, profundamente enraizado no carácter nacional dos ingleses, encontrou no «Commonwealth» a sua expressão superior e definitiva. Ele era, como o segredo de Polichinelo, que todos conheciam mas em que alguns não podiam acreditar.

O Observador

## A catástrofe

Escrevemos sob uma restea de sol! É consolador este oiro que cai a flux do céu, querendo apagar os vestígios da catástrofe. Perderam-se milhares de hectares de culturas; há árvores centenárias que baquearam como gigantes cansados de lutar; cicatrizes irreparáveis desfiguram as cidades; não há postes, fios telegráficos, telefónicos, torres, estradas de ferro, cais, armazéns, barcos, tudo levado, destruído pelo tufão horrível. Perdeu-se muita coisa, mas ficou a velha energia portuguesa que, soube há dois séculos, guiada por Pombal, levantar uma cidade dos escombros do terramoto. A alma portuguesa reagiu, como sempre, com generosidade. A subscrição do «Diário de Notícias», em poucos dias, excedeu toda a expectativa. A colónia inglesa de Lisboa, num gesto admirável de compreensão, contribuiu com 51.300 escudos. Mais uma vez o espírito britânico, tão grave como austero, manifestou a amizade que dedica ao nosso país através de todas as emergências graves. A nação de luto, com grande parte da sua riqueza agrícola e económica devastada, olha para Salazar com confiança. O reconstrutor, depois duma profunda reparação política, tem que reparar os erros da natureza. Ele o saberá fazer!

## A decisão da América



Enfim, a América decide-se. A raça anglo-americana dá-se as mãos sobre o Atlântico. O valor moral dos Estados

Unidos é, sem dúvida, enorme, mas a sua força industrial é maior ainda.

A Inglaterra vai ter uma poderosa rectaguarda ao abrigo de quaisquer ataques aéreos, com milhares de oficinas e estaleiros, e milhões de operários que trabalharão para a abastecer no mar, no ar e na terra. Não é, sem conhecimento de causa que o coronel Knox declarou que a produção dos aviões ingleses e americanos é já superior à do Reich. De facto, as batalhas ganham-se com material. Foi este o segredo da história da outra guerra.

## Onde está Wawell?

É um compasso de espera ou uma marcha galopante na Libia ardente, através do deserto de Syrte, como a que o levou às portas de Benghazi? Onde vai Wawell? O mundo está suspenso. A sua expedição militar decerto continua, tão misteriosa como fantástica, tão fatal como imprevisível com a certeza antecipada do ponto onde vai eclodir. Aqui ou ali? Nada se sabe! Os comunicados do Cairo falam-nos da Eritreia, da Abissínia, da Somália, mas emudeceram sobre a campanha da Libia. Uma semana mais? Hoje mesmo? Amanhã? Wawell marcha ao encontro do seu destino!

## MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENAL

Director: ARTUR PORTELA

Editor: ROCHA RAMOS

Redacção e Administração: Rua de S. Nicolau, 119-3.º / Lisboa / Telefone 25240

Composição e impressão: Neogravura, Ld.ª, Travessa da Oliveira à Estrela, 4 e 6 — Lisboa

COMPOSIÇÃO GRÁFICA DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1850

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Propriedade de «Mundo Gráfico», L.ª



NOS LÁBIOS DE SALOMÉ, MALDIÇÃO DE BELEZA, HÁ TODO O MAL E TODA A DOR DO MUNDO

## A ALMA DOS MUSEUS

É no silêncio e no tempo que as obras de arte encontram a suprema forma da sua perfeição e, animando-se, humanizando-se, palpitam como se vivessem

OS museus de arte têm uma alma. Uns, são tristes e discretos, na sua penumbra doirada; outros, espectaculares, povoados de telas gloriosas e de mármore triunfais; outros ainda, tristes, exilados, adormecidos no frio e no silêncio, como que tocados pela mão irrevogável do tempo.

Ali, as obras de arte, longe das multidões, parecem mais belas, definitivas. Há linhas que se harmonizam, encontrando a suprema perfeição; cores que se esbatem numa patine doirada; gestos que, na sua mudez e na sua nudez criam imprevisíveis mundos de graça e de significação. A Mona Liza, do Louvre, por exemplo, ano após ano, acentua a ironia espiritual do seu sorriso, sem envelhecer sob a primavera azulada dos montes distantes da Toscana. Ama ainda, eternamente, o pintor apaixonado que sobre ela se debruçou, beijando-a com os seus maravilhosos pinceis.

Vêm as estátuas eternas, mesmo as que são cegas, a divina claridade das estrelas. Galateia, cujo corpo contornado e melódico como uma lira, parece palpitando ao abraço de Pigmalião e despir o mármore que a veste para se mostrar nua na sua castidade gloriosa é, afinal, irmã dessa Paulina Borgheze que, deitada no leito, desperta numa madrugada ardente, banhada pelo sol, mais bela ainda na morte, do que foi na vida!

Os museus são como claustros. Tem os seus monges, que são os visitantes, emburelados em recolhimento que, lentamente, os percorrem, adorando em silêncio o que nós não ve-

mos para além da superfície duma tela esmaecida pelo tempo, em velaturas subtilezas, ou da expressão plástica duma estátua mutilada que, na sombra se reintegra na forma ausente e perdida.

Ao longo das salas atapetadas e desertas da nossa galeria de Arte Contemporânea as janelas rasgam-se de luz! São as paisagens dos mestres que radiam em quentes auroras estivais; este Santo António, de Columbano, brinca com os bebês do céu, atraído pelas doces estrelinhas dos seus olhos tão portugueses, e a Salomé, de Francisco Santos, numa sinistra volúpia, bebe, avidamente, na cabeça sangrenta de Iokanan, o seu último alento e a sua derradeira condenação. É a cantante do desejo, hiena esfaimada, que não compreende a renúncia vitoriosa do Santo.

É a carne; e ele o espírito! O seu corpo inútil agarrado à terra, é uma maldição de beleza.

Nos seus lábios há todo o mal e toda a dor do mundo. Envenenaram, corromperam, mas crispam-se frios e inertes, sobre a divina boca que anunciou o Messias. Há diálogos de estátuas. Benardim Ribeiro canta como um rouxinol enamorado as mais magoadas penas do seu romanceiro. São vilancetes da corte e endeixas bucólicas, que o Liz brando e claro, arrasta com as suas lágrimas de saudade.

Como Prometeu, agrilhoado no rochedo, as mãos, numa postura de desalento, ogiva quebrado duma oração, o Desterrado,



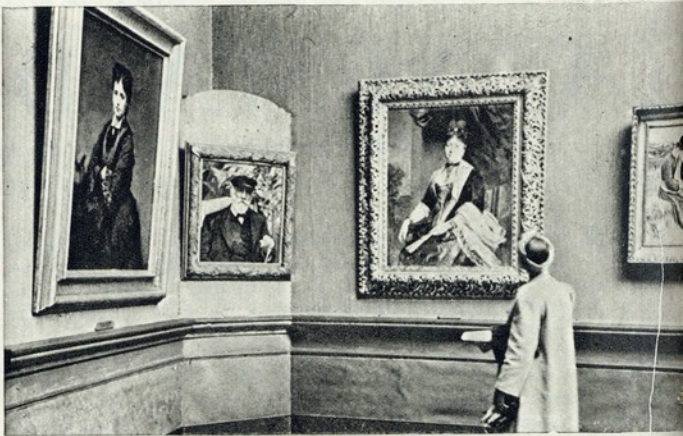
O «Santo Antônio», de Columbano, obra prima da pintura portuguesa



O eterno símbolo da vida «Amor e Psyché», de Veloso Salgado



«Lar sem pão», de Moreira Rato



«Duquesa de Belas», de Lupi

de Soares dos Reis, no seu captivo de melancolia, parece olhar o mar longínquo, o oceano lusiada, onde o amor e a morte andam juntos até à eternidade!

A linda duquesa de Belas, que Lupi retratou, descruza os braços frios, prendendo, nos cabelos negros e românticos, a rosa vermelha que, ao lado, numa jarra de cristal, conserva ainda a frescura, a côr e o aroma da primavera distante em que desabrochou.

O que lhe recorda essa flôr de galanteio que ali ficou, viva para todo o sempre, quando as outras foram levadas pelo vento, ou murcharam, sem que da sua imagem perdurasse uma lembrança, sequer um sorriso, ou uma confidência?

E aquela árvore desgorganha, uma árvore à Raul Brandão, trágica como uma força que se levanta, num campo desolado

e, aflita, afronta o céu inclemente, como pedindo aos elementos, paz e perdão para os homens?...

Mas o dia escurece! Um esplendor irreal transfigura as telas, as esculturas, que se animam, humanizam, revivendo!

As molduras desaparecem; os plintos ficam vazios. Um Pierrot ajuda a descer do pedestal uma Colombine de mármore, e dança ao luar uma farandula. A viscondessa de Meneses, com o seu vestido de baile, sorri, mais linda, ao calor dos lustres de cristal. Um par enamorado avança do fundo, dum pórtico de colunas gregas, entre um esvoaçar de pombas. E' o Amor e Psyché de Veloso Salgado. E o pianista, de *Soirée chez lui*, dedos esqueléticos, toca uma última sinfonia no rondó das sombras — sombras mortas que ressuscitaram um instante, o sonho e a poesia imortal.



# O Esforço Militar dos Estados Unidos

Num curto espaço de tempo os Estados Unidos tornaram-se uma das maiores potências militares do mundo. Os acontecimentos exteriores e os pedidos de auxilio da Gran-Bretanha transformaram a grande república norte-americana. As suas possibilidades actuais, em matérias primas e instalações industriais, não têm comparação com o resto do mundo. A sua esquadra é a primeira. A aviação norte-americana desenvolve-se em proporções que lhe permitem tornar-se, dentro de um ano, segundo os melhores cálculos, a mais bem apetrechada em material (qualidade e quantidade) e a mais bem servida sob o ponto de vista de aptidão técnica do pessoal. Finalmente os Estados Unidos mobilisaram para o serviço activo os seus cidadãos em idade militar e prepararam já um certo número de divisões motorizadas. Os quadros que a seguir publicamos resumem o estado actual da preparação militar nos Estados Unidos e as suas possibilidades.

## Matérias primas para guerra.

62 % da produção mundial de petróleo.  
50 % do algodão de todo o mundo.  
44 % do ferro.  
42 % do cobre.

Recursos inexgotáveis em carvão, nitratos, pirites, bauxites, cauchu e fosfatos.

## Meios monetários

Cerca de 70 % das existências mundiais em ouro.

## FORÇAS MILITARES

### Exército

16 milhões de mancebos recebendo instrução militar intensiva.

1 milhão de homens nas fileiras.

700 mil homens na Guarda Nacional.

Numerosas divisões motorizadas adestradas para a guerra moderna.

## Armada

|                        | Em serviço | Em construção |
|------------------------|------------|---------------|
| Navios de linha .....  | 15         | 17            |
| Porta aviões .....     | 6          | 12            |
| Cruzadores pesados ... | 37         | 54            |
| Destroyers .....       | 159        | 206           |
| Submarinos .....       | 104        | 81            |
|                        | 321        | 370           |

Tonelagem actual ..... 2.126.841

Tonelagem com as novas construções ..... 4.000.000

Efectivos actuais: 200 mil homens (150 mil no activo e 50 mil na reserva). As esquadras norte americanas do Pacifico e do Atlântico terão uma tonelagem igual à soma das toneladas das esquadras do Japão, Itália, Alemanha, Rússia.

## Aviação

1500 aviões de primeira linha dos tipos «Boeing», «Douglas», «Martin», «Grummann».

Algumas centenas de aviões de segunda linha e de reserva de modelos antiquados.

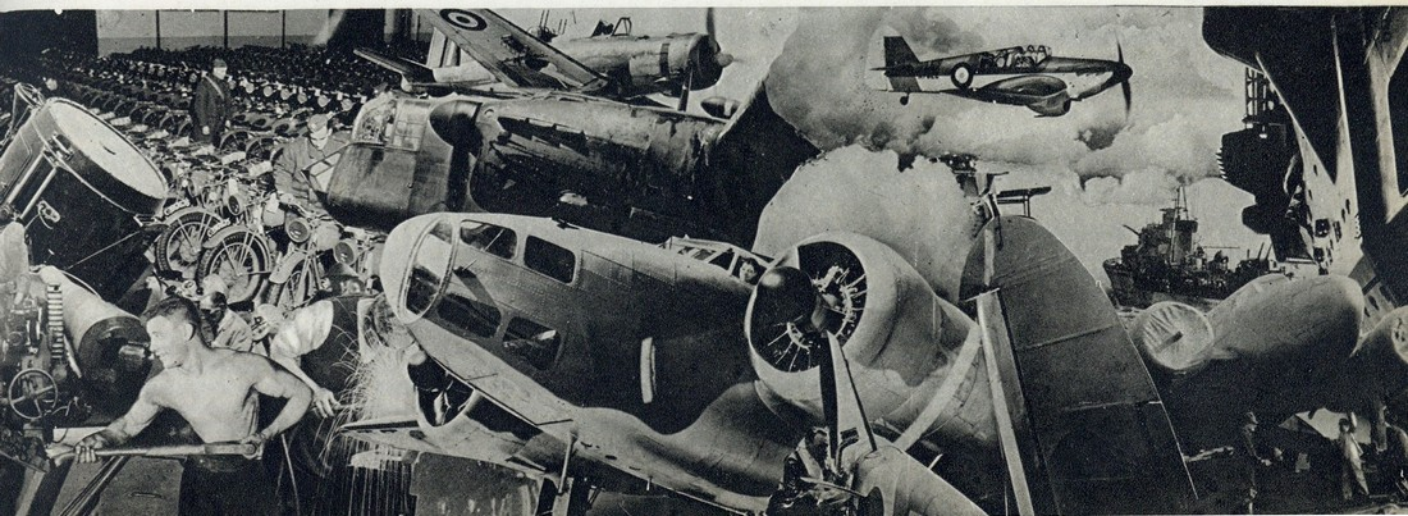
## Aparelhos em construção

Produção mensal média (calculada para a primavera de 1941) dois mil aviões de todos os tipos.

## Recursos Industriais

As grandes organizações norte americanas (Ford, General Motors etc.) estão adaptadas às construções de guerra (aviões, carros ligeiros e pesados, metralhadoras, artilharia ligeira e pesada).

10 mil fábricas mais pequenas, espalhadas por todo o território dos Estados Unidos foram estriadas depois das obras de adaptação aconselhadas pelos técnicos, estando a maior parte delas, já em laboração.



# Os ensinamentos da campanha de África

pelo Tenente-Coronel Lelo Portela

Em Julho de 1940, os ingleses tinham uns 8.000 homens na Somália, ligeiros elementos de cobertura nas fronteiras do Kênia e do Sudão, uns 30.000 homens no Egipto e alguns 40.000 na Palestina.

Os italianos deviam ter cerca de 350.000, na Líbia, e 360.000 na Abissínia, dos efectivos da Eritreia e da Somália.

A posição das forças britânicas na África e na Ásia Menor era da grande vulnerabilidade e a sua situação gravíssima.

O centro de gravidade do dispositivo italiano estava na Abissínia, região central, donde poderia colher o benefício estratégico de actuar por linhas interiores. Mandava uma sã estratégia que a massa principal das forças fosse aplicada sobre o objectivo primordial, enquanto efectivos restritos cobririam esta operação.

Ora o objectivo primordial era sem dúvida alguma o Egipto.

A operação sobre o Egipto deveria ser conduzida por uma concentração simultânea de esforços, vindo do Sul e de Oeste. Para isso impunha-se realizar uma operação prévia sobre o Sudão, com o máximo das forças da Abissínia e da Eritreia, que deveriam progredir sobre Kartun e Berber.

Não tendo a Itália o domínio do Mediterrâneo foram-lhe as comunicações cortadas com a metrópole, ficando portanto os seus exércitos reduzidos a viver exclusivamente dos meios acumulados até então.

Era portanto de interesse vital agir com decisão, em massa e com rapidez, pois o tempo era um factor contrário.

A concepção do comando italiano foi totalmente oposta a esta.

3.º Manteve-se uma atitude defensiva e de expectativa confiante até ao momento em que reuniu os meios necessários para passar a ofensiva.

4.º Acumulou o máximo de meios e a massa principal das suas forças no ponto nevralgico — o Egipto — ficando assim com o centro de gravidade numa posição central, em relação às duas grandes forças inimigas da Líbia e da Abissínia.

5.º — Organizou regionalmente a operação:

a) fazendo incidir sobre o Egipto os meios vindos da Palestina, das Índias e da Austrália, para a acção ofensiva sobre a Líbia.

b) Fazendo incidir da África do Sul, do Sudão e do Kênia os meios necessários à fixação das forças inimigas da Abissínia.

Uma vez reunidas as suas forças, tomou o general Wawel a iniciativa das operações alcançando uma vigorosa ofensiva sobre as forças da Líbia.

Nestas operações revelou o general Wawel as suas qualidades de chefe pois soube reunir as condições estratégicas indispensáveis à vitória:

a) Surpresa; b) Velocidade e rapidez de acção; c) Decisão e capacidade manobrador.

Na batalha da Líbia cooperaram com os britânicos forças francesas vindas da Síria e do Tchad.

Comanda superiormente estas forças o general Catroux, chefe militar dos mais prestigiosos da França. Catroux tornou-se sobretudo célebre na campanha que os franco-espanhóis tiveram contra a rebelião marroquina.

Foi ele quem aprisionou o chefe rebelde Abd-el-Krim após uma série de hábeis manobras militares e políticas.



A cidade de Sollum com o seu magnífico porto que domina o Mediterrâneo Central e no qual se podem abrigar numerosas esquadras

Esta atitude foi-lhe fatal, pois as suas forças ficaram dispersas e o desperdício de tempo acarretou-lhe o esgotamento dos armazens de víveres, dos seus estaleiros de munições, material e carburantes.

Por esta razão a actividade das suas forças aéreas tem que ser reduzida, e a capacidade de resistência dos seus exércitos vai-se esgotando em ritmo acelerado.

O seu esgotamento por falta de comunicações condena-os à asfixia e à paralisia geral.

A acção do tempo basta por si só para obter tal resultado.

Vejamos agora qual foi a concepção do comando inglês.

1.º Soube guardar o sangue frio necessário para não desviar a sua atenção do objectivo capital, o Egipto.

2.º Não se deixou influenciar pelos sucessos locais do adversário que ele sabia não representarem acções decisivas.

Actualmente a situação criada pela acção do general Wawel conseguiu à Grã-Bretanha:

1.º — Afastar todo o perigo sobre o Egipto. 2.º — Fortalecer a posição estratégica em todo o Mediterrâneo oriental. 3.º — Fortalecer a posição de todas as forças no próximo oriente. 4.º — Libertar o Mar Vermelho e assegurar assim a continuidade das comunicações. 5.º — Paralisar as forças da Tripolitânia com pequenos efectivos do Exército do Egipto e as forças francesas da África Equatorial, que ocupam a região dos oásis de Fezzau e Cufrá, condenando-as à asfixia do tempo.

A conclusão desta campanha é demonstrar que um exército ou grupos de exército sem comunicações marítimas estão condenados à morte se não agirem com rapidez, destruindo a força inimiga.

E' este um ensinamento que há-de afirmar o seu valor no futuro.



EDUARDO VII



D. CARLOS

## UMA NOITE NO TEATRO

por Vasco Mendonça Alves

**E**STA noite de teatro, que evoco e me aparece como uma visão de beleza e deslumbramento, surge também como um saudável conforto; é uma recordação de paz e bem-estar que hoje se afigura um sonho de um mundo ideal, quasi impossível ou... Deus o permita, uma aspiração e uma esperança de melhores dias sem o amargor de apreensões dolorosas.

Foi uma récita de gala no teatro de S. Carlos em honra do rei Eduardo VII de Inglaterra, que viera visitar a nação aliada.

A récita de gala ocasionou dois excelentes espectáculos — o da sala e o do palco. Cantou-se o Barbeiro de Sevilha, de Rossini. S. Carlos era então um teatro de ópera de primeira categoria mundial: por lá passaram os melhores cantores. Um agrado pleno de um artista em S. Carlos era como um atestado de primeiro cantor no estrangeiro.

A récita de gala em honra do Rei de Inglaterra merecia, como era natural, especial cuidado. Era necessário e justo que, conjuntamente com a impressão de suntuosa solenidade, se oferecesse uma expressão de arte pura, digna do régio visitante, a quem Portugal desejava demonstrar como sabia corresponder em gentileza e amizade. Na representação tomou parte Regina Paccini, a notável cantora portuguesa, cuja arte, saber e voz cristalina de soprano ligeiro já haviam criado fama na cena lírica do mundo. Recordamos ainda a sua arte admirável de primeira cantora, a leveza elegante e graciosa da sua Rosina, a riqueza e propriedade com que vestira a figura.

Espalhava-se no ambiente um sentimento de orgulho desculpável, unânime, patriótico, daquela satisfação que não necessita de palavras para se transmitir e entender.

Eduardo VII, desde o primeiro momento, confirmara pessoalmente a estima que Portugal votava ao rei de Inglaterra. Representante natural do mais poderoso e vasto império do mundo, mantinha a simplicidade e bonomia de um grande senhor. Uma íntima alegria desenhava-lhe no rosto um sorriso delicado — que lembrava ainda a mocidade bem vivida do príncipe de Gales.

O rei Eduardo VII trajava o uniforme do regimento português de cavalaria 3 e El-Rei D. Carlos o de coronel do regimento inglês Oxfordshire Light Infantry; no peito de ambos refulgiam as pedras preciosas das mais altas condecorações. A cadeira do rei de Inglaterra estava colocada entre a do rei e a da rainha de Portugal. Seguia-se à direita da rainha a do infante, Senhor D. Afonso. Por detrás, de pé, estava o presidente do Ministério, o Conselheiro Hintze Ribeiro, figura digna e notável de homem de estado numa época excessivamente rica de valores intelectuais, ministros e outras individualidades.

Na tribuna real, em que abundavam as fardas recamadas de ouro e luziam as comendas e insígnias várias sob os lustres de muitos lumes, destacava-se a figura da mais rara esbeltez e magestade da rainha Senhora D. Maria Pia. Estava ausente do reino Sua Magestade a Rainha Senhora D. Amélia, circunstância esta pela qual, naquela noite de gala, a Rainha

-Mãe reocupava o seu lugar de outro tempo, como se uma ressurreição de sonho fizesse volver as horas de felicidade dominadora do seu findo reinado.

O esplendor da sua notável distinção, a simplicidade nobre de uma alma gentilíssima que se espelhava no sorrir acolhedor, os seus cabelos fulvos, o vestido branco de rendas de Bruxelas através das quais espreitavam discretamente os brilhantes, ressuscitavam naquela hora a mocidade de uma rainha bem-amada.

Era uma figura simbólica da realeza a que bem se ajustava a frase de Flalho d'Almeida, esse grande artista da palavra lastimosamente pouco lembrado: *«esse prestígio hierárquico, amplíssimo, grandioso, que mesmo aos cépticos se impõe como um retoque de Deus, sagrando as castas destinadas a eternamente intervir nos destinos dos homens e das nações»*.

Nesta récita de gala tanto o espectacular e o opulento como a sincera e patriótica satisfação demonstrada no calor das saudações, dos vivas e aplausos e no comovido respeito com que foram ouvidos de pé os hinos português e inglês, estiveram na altura do significado da régia visita a Portugal.

A Inglaterra que Eduardo VII nessa bemvida e saudável visita representava, era a mesma que nos dera uma rainha que foi a mãe dos inclitos infantes, a mesma que colocara no seu trono uma princesa de Portugal, que soube conquistar os corações e dominar os espíritos, ainda a mesma que se curva respeitadora perante o princípio da Justiça, como em sua defesa é capaz de se bater com inalterável heroicidade.



O Monte, uma das mais bonitas «aldeias» de Lisboa, com o seu adro rústico, donde se divisa um maravilhoso panorama

## Qual o sítio mais bonito de Lisboa?

*Responde Luiz Pastor de Macedo*

Estamos em crer que este «Inquérito» vai percorrer Lisboa, numa verdadeira topografia de beleza, encanto, pitoresco e, até, de ironia. Depõe hoje o sr. Luiz de Pastor de Macedo, espírito fino, culto, cuja delicadeza e sensibilidade, amor do passado e penetrante erudição o tornaram um dos melhores amigos de Lisboa, o amigo n.º 1. O escritor ilustre fala-nos hoje do seu bairro — dos mais antigos da cidade, sobre o qual uma capelinha humilde de muita fé cristã, parece rezar às estrelas, na sua altura e na sua devoção.

A dificuldade está na escolha.

Todos os bairros de Lisboa estão salpicados de sítios que nos agradam, que são indiscutivelmente bonitos, e até na parte que se eleva ao oriente da Baixa, no velho burgo, no irregular encanestrado de alfurjas e betesgas, de quando em quando, depara-se-nos um recanto que por qualquer motivo, pelo seu pitoresco, pela sua singularidade, nos chama a atenção. E talvez estes recantos, pelo menos alguns, sejam também locais bonitos. Além da dificuldade da escolha há ainda a dificuldade de distinguir os locais, que na realidade são mais bonitos, daqueles que por qualquer circunstância têm para nós boas recordações. Estes podem não ser bonitos mas são-no para alguém. E' o caso de sempre: quem a feio ama bonito lhe parece.

Decido-me porém a apontar um sítio que entre outros parece puxar-me mais pela pena: o Monte, esse largo-sacada que se abre sobre a cidade e que quanto a mim, oferece o melhor panorama que se disfruta dos miradoiros de Lisboa.



Uma velha árvore, à sombra da qual Fialho de Almeida passeou, com Manuel de Macedo, assombrado com as perspectivas da cidade tentacular



Parece um cenário de Manini com o castelo ao fundo num céu fantástico de nuvens. A velha árvore encostou-se à pérgola como a descansar dos seus duros invernos

Ali, naquele sítio que nos recorda o martírio do bispo S. Gens e os primeiros eremitas de Santo Agostinho que pisaram a Lisboa cristã de D. Afonso Henriques, ergue-se à sombra duma grande e bela árvore uma capelinha — a da Senhora do Monte — que desde recuados tempos está lembrando a devoção dos nossos avós medievos; dali se vê desdobrar a cidade dos documentos seculares com o velho Castelo de S. Jorge logo no primeiro plano; dali se vê apinhada, no vale, a cidade comercial, na encosta fronteira a zona residencial do oriente e, para o norte, entre linhas mais espaçosas, a cidade ainda nova, a das avenidas.

No verão passado estive ali uma manhã. Os transeúntes eram raros; de vez em quando um que desembocava da calçada e que enfiava pela rua da Senhora do Monte, ou que, vindo desta ou daquela, se dirigia para a ermida. O sol fazia rebrilhar intensamente o azul unido e quieto do Tejo, as evocadoras ruínas do Carmo, o zimbório da Estrêla, os três ou quatro milhões de vidros dos prédios que envolvem os altos de S. Francisco e de S. Roque, do Moinho de Vento e do Casal da Estrêla, do Salitre e de Campolide; o adro do Socorro falcava em baixo, a dois passos, bem fronteiro ao miradouro, e muito junto a ele estendiam-se os paredões claros do antigo Colégio de Santa Antão e logo após reverberavam as pedras do grande edifício da Escola Médica; à nossa direita, a linha de Almirante Reis marginada pelos seus bairros e tendo por atalaia a milagrosa Casa da Penha de França, resplandecia. Então por entre o aglomerado de casaria, descobri ruas e becos meus conhecidos, prédios com história larga, perspectivas encantadoras. Nessa manhã passei por toda a cidade sem sair do varandim alpendrado da Senhora do Monte.

Talvez por ter lá passado essa manhã esteja hoje inclinado a que entre tantos sítios bonitos, seja o do Monte, esse pequenino e sereno largo sobranceiro à cidade, que mereça ser eleito o mais bonito de Lisboa. E se o não merecer, tem pelo menos a vantagem de permitir que dêle se aviste entre cambiantes de luz e vivas pinceladas de cor, o cenário mais grandioso da cidade — rico mostruário onde há que fartem sítios bonitos para todos os gostos.



Um soldado inglês cortando arame farpado. Esta nova troquez, com articulações duplas, provou magnificamente



Nos campos cobertos de neve, o Exército inglês faz continuamente manobras. Uma força protege um caminho, enquanto outra passa



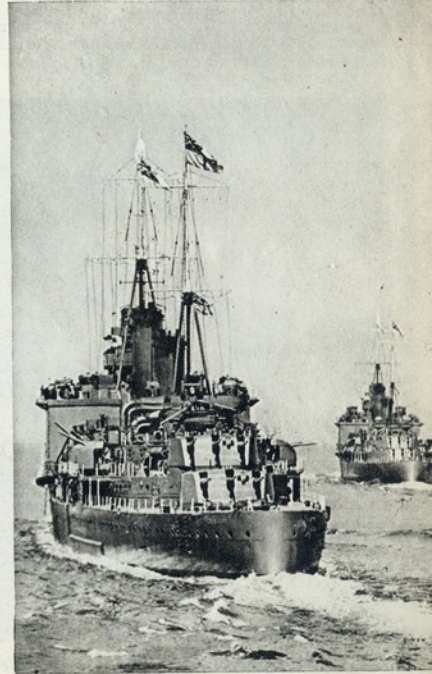
A Inglaterra está rodeada destas fortalezas flutuantes que têm uma guarnição especializada



Empregados do Correio atravessam as ruínas em Londres, levando ao peito este letreiro: "Aceita-se telegramas"



Numa fortaleza flutuante da Inglaterra um marinheiro entretém-se a pescar, enquanto um soldado vigia



Dois dos últimos cruzadores ingleses, em manobras no Mar do Norte. O potencial naval do Império aumenta constantemente



*A polícia já está no barco sem que o arrais, que faz tranqüilamente a sua caldeirada, o suspeite*

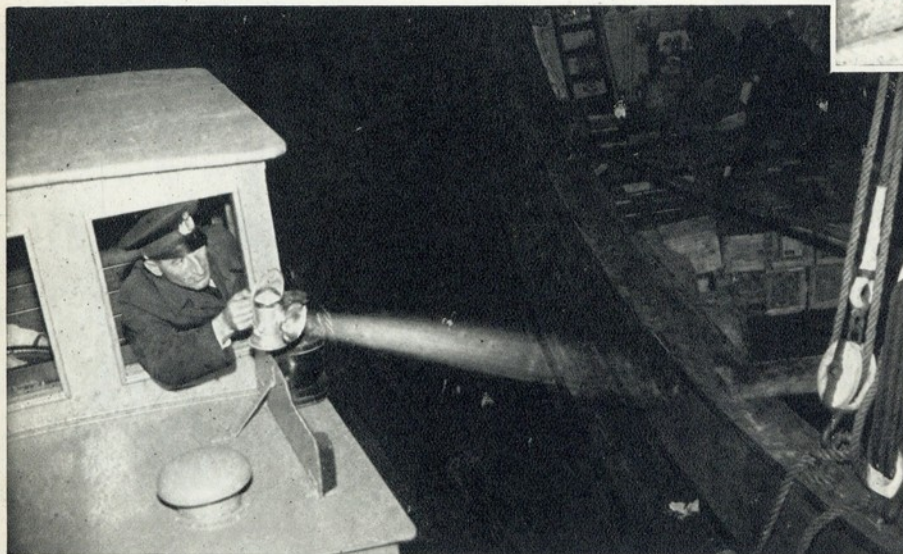
## A RONDA DA NOITE

Ouve-se um apito. O sinistro rumor da água, cavada pela nortada. Remoinhos tórvos. Um gasolina corre, veloz, deixando

na sua esteira um ruído metálico do motor, exasperado de velocidades. É a «ronda» que começa.



*No porão de um navio. A Polícia Marítima asseta as suas lanternas*



*Um projector brilha na escuridão. A fragata lá sorrateiramente rio acima. Candonga? Uma interrogação que se pode converter numa certeza*

A noite cerra-se em torno de nós com o seu manto de mistério, como manda a rubrica de velhos folhetins... A nossa frente, o Tejo e a mesma inquietação nas águas em Belém, em Oeiras até Cascais... A vedeta estremece e a água chicoteada por um nordeste sibilante ergue-se em vagas alterosas, que se desfazem, encharcandonos até aos ossos.

Mas quem te mandou a ti paisano com muita honra, andares em correrias com homens do mar, Tejo abaixo, à cata duma reportagem em que evocavas através das leituras da meninice, o detestado Terrail?!

Novelescamente romântica? A resposta vem, por outros motivos no Frei Luis de Sousa: — Ninguém.

Um dia e mais dias insinuai ao Comandante da Polícia Marítima proezas da gatunagem do rio, que andava à solta, e desenfreada. Repórter bem informado apontei exemplos: O caso dos Isqueiros... Maços de «Camel» vendidos a 1\$50... E, em pormenor falei do «sistema» da quadrilha «Os filhos da Noite», da Noite e do «Tejo» e da sua bem organizada contra-espionagem, rede multiforme da sua acti-



*Este costado negro pode ocultar uma surpresa. O navio chegou ao cair da noite, lentamente, estranhamente...*

vidade... Pois até havia um preto que «furava» as surpresas da Polícia e prevenia os malandrins... Riu-se... Encor-dei... Riu-se mais e, dias depois, embarcávamos numa vedeta. E lá seguimos rio abaixo. Uma metralhadora à proa... E as horas passavam-se... Mais morto do que vivo, farto de marinhar por malditos «quebra-costas» e de visitar quantos navios havia no Tejo, acreditava-me cavaleiro andante de outras montarias... E que «montaria» estava sendo a reportagem para mim!... Nem ladrões. Nem rasto de contrabando. Nem nada. E eu que lera a Internacional do Crime e acreditava ali nas «barbas» de Cacilhas, num «Porto de Abrigo» com espíões, tiros e toneladas de cocaína... E quem me dera naquelas paragens, um cais, um abrigo qualquer, em Terra firme, longe do Tejo, nas Avenidas ou no bairro alto. Já dava ao Diabo, por não haver Santo que m'a aceitasse, a Idéia da quadrilha, e dos «Filhos da Noite» quando a madrugada se despia do lençol de neblina e descobria ao longe o casario da cidade. Ralo de Idéia!... E afinal era tudo tão simples! Uma questão de «técnica»! A técnica de roubo no rio é «outra». Despida de violências, de golpes de audácia, de cheiro e pirataria! É uma técnica calma, cheia de subtilidades de «amadores». Escolhe-se a «caixa» na altura do embarque. As «garras» do guindaste — coisas que sucedem — abraçam-se penosamente... Dar-se corda, a corda suficiente para ela bater, uma, duas, dez vezes de encontro às paredes do porão.

Depois. O «armador» não reclama... O seguro paga e os «parceleros» desviam o que podem da caixa. E um «Dunhill» que vale duas libras de cavalinho é vendido por uns dez escudos bem portugueses. Há contrabando e quem se dedique à «candonga» levando e trazendo mercadoria passada aos direitos, em pequenas embarcações. Mas a vigilância é aturada, os riscos grandes não são negócio.

Mas muito se engana o que pensar que a actividade da Polícia Marítima se cifra em manter a ordem a bordo dos navios que param por todo o Tejo, em percorrer em vedetas o rio a fiscalizar o cais... Há muito que fazer, ali, no Terreiro do Paço, naquela repartição modesta e nada espalhafatária. Na «dota» um agente verifica se o peixe apanhado o foi em tempo de feso. A guarda das reservas piscatórias pertence à Polícia Marítima. E os homens na corporação são severos e cumpridores. Os navios do Barreiro e de Cacilhas por vontade de quem os conduz, em duas idas desembarcavam na «Outra Banda» a população de Lisboa. A tua segurança, nas idas e vindas do rio, está garantida pela Polícia Marítima que põe um travão na mira do lucro e dá-te a garantia de chegares sêco ao teu destino.

Olha, finalmente: se os teus olhos púdicos não se fecham envergonhados ante a iluminação de um «mallot» impúdico, agradece à Polícia Marítima que vigia nas praias os bons costumes.

**Fernando Calixto**



*A carga foi toda revista. Não havia contrabando. Papéis em ordem*



*O guarda-fiscal é um óptimo elemento da Polícia do rio.*



*Os regulamentos cumprem-se. Nenhum indocumentado pode passar.*



Um avião italiano destruído no solo, em Bardia, pelas forças da R. A. F. do Médio Oriente



Granadas de mão com recipientes de líquido inflamável, denominadas "cocktail anti-tank", que têm sido usadas pelo exército do general Wavell



Em Bardia, um grupo de soldados italianos, depois da conquista da cidade, entrega-se a uma patrulha de valorosos combatentes australianos, cujas tradições militares fazem recordar o seu heroísmo na guerra de 1914



Os valorosos soldados da Austrália entram nas ruas abandonadas de Bardia e recordam a sua terra natal



Como foi tomada Bardia. Numa trincheira das primeiras linhas, esta metralhadora Brent assestada sobre o inimigo faz fogo incessantemente. O adversário riposta e os destroços aglomeram-se à volta do abrigo batido pela metralhadora



A bordo de um couraçado inglês que bombardeou a cidade de Bardia. Um marinheiro, por cada granada disparada, traça um risco a giz



Generais italianos, capturados em Bardia, descem dum avião num aeródromo do Cairo



A testa duma extensa coluna de italianos, capturados em Bardia, que se dirige para uma base inglesa

# A obra de Júlio Diniz

por Vitorino Nemésio

*«Jenny era uma destas inglesas, cuja suavidade e correcção de contornos, alvura e delicadeza de tez e puro dourado dos cabelos, lhes dão uma aparência tão subtil e vaporosa, e, quasi direi, tão celestial, que se espera a cada passo vê-las desprenderem-se da terra e dissiparem-se como instantânea visão luminosa, diante dos olhos, que por momentos ofuscaram.»*

Quem é que pode falar assim de uma inglesa senão um bom romântico que sabe de mulheres o que a poesia lhe ensinou? E, ainda assim, que poesia?... Aquela espécie de boa educação aguarrelada que o meado do século XIX cultivou nas salas literárias e numa literatura de sala. Mas boa poesia, se não era dada em verso. Poesia de bondade, de gente decente, com uma exaltação que antes de se exaltar prevenia... — tudo tão doce e prè-estabelecido como Deus com os seus anjos. Assim Júlio Diniz criou o seu orbe de candura: ao principio era o Verbo e «Uma Família Inglesa» nas leituras de nossa avó...

«E, quasi direi»... Mas este «quasi direi» é a chave de um estilo! Não chegar ao «celestial», falando-se de uma linda menina, mas ficar naquela justa fronteira entre a carne e o sonho que faz com que o leitor não perca o pé e que Jenny permaneça substantiva. Estes românticos!

O seio de Jenny andava sempre «afogado no vestido liso e singelo» e tinha a «ligeira ondulação» que, em sensibilidade feminina, segundo os registos de Júlio Diniz, parece corresponder à casa dos boletins meteorológicos que diz: — «estado do mar: pouca vaga». Falta só: «chuva em milímetros em 24 horas...» Porque realmente Jenny era rica em matiz e em água como as nuvens. «Sentia-se, vendo-a, que para ela nunca o amor seria um passatempo, um capricho apenas, gozado entre risos, termi-



A casa da rua Costa Cabral, no Porto, onde faleceu Júlio Diniz



No cemitério de Agramonte. A última morada do romancista



O velho burgo portuense, tal como os olhos azuis da Jenny, da «Família Inglesa», o viram no seu lirismo romântico

nado sem lágrimas». Quando se passava qualquer coisa no seu coração, os olhos, cá em cima, escureciam. Mas era por pouco tempo: «nuvens raras e diáfanas».

O seu papel naquele jogo em cena a três que é o lado só Whitestone de «Uma Família Inglesa» resume-se em amaciar os contrastes de pai e filho: domesticar com um nada e alguns sermões de moral o mano Charles, espécie de lóbo de badine namorado daquela borreguinha tripeira que é Cecília, e comer as papas na cabeça do velho, tratá-lo como a um menino, proceder com uma «virtuosa e simpática hipocrisia» que é um dos «quasi direi» da psicologia do nosso adorável romancista. «Quando os anjos nos imitam na dissimulação — diz ele — ainda então não perdemos a sua candura. São sempre anjos. Roçam com as asas pelo lódo do mundo, mas levantam-se imaculados». Pois está claro.

Entretanto, o menino anda com os amigos pelos cafés e restaurantes e esquece-se dos dias lembrados da família. («Britânico! Péis no fender, punch na mesa, Times na mão!») Bilhetinho da irmã ao desgarrado: «Charles: E' hoje o dia 19 de Fevereiro. Fazes vinte anos. Julguei que seria desnecessário pedir-te para nos dares o prazer de te vermos connosco. O pai esperava-te. Adeus. — Jenny.» Recapitulemos: «Julguei que seria desnecessário pedir-te...» Outro quasi direi...

Quando o irmão faz das suas, Jenny tem uma «expressão de amigável desgosto». E' «um anjo familiar». Esconde as asas no bairro inglês, em Cedofeita, casas pintadas de «verde escuro, de roxo-terra, de côr de café, de cinzento, de preto». «Jardins assombrados de acácias», «chaminés fumegando», persianas descidas. «Nas ruas encontra-se com frequência uma inglesa de cachos e um bando de crianças de cabelos loiros e de babeiros brancos».

Eu lembro que isto é no Porto, em Cedofeita, em 1855. Mas sobre António Nobre e as inglesinhas de 1855 falemos depois. Hoje só pergunto isto: Era ou não era um poeta este rapaz de barbas chamado Júlio Diniz?

# A OFENSIVA SUBMARINA

## *e as suas perspectivas*

A campanha submarina — disse Hitler recentemente — vai tomar novo incremento na próxima primavera.

Não se pode dizer que o chanceler do Reich tenha dado, com estas palavras, uma grande novidade ao mundo. É do conhecimento público que a Alemanha está a construir activamente, desde o começo da guerra, uma coisa como duzentos submarinos de tonelagem média.

É nessas duas centenas de unidades tripuladas, como de costume, por profissionais muito hábeis, que a Alemanha põe as suas melhores esperanças para abater a Inglaterra? Não crêmos que Raeder o admita. Raeder é um homem da outra guerra que não deve ter esquecido as ilusões de Tirpitz.

Os últimos meses têm sido, na verdade, caracterizadas por intensa campanha submarina contra a navegação que se dirige à Inglaterra ou que sai da ilha britânica. As perdas têm sido muito elevadas, mas não afectaram ainda, por forma grave, o reabastecimento de tantos milhões de ingleses que agüentam estoicamente, a pé firme, os rudes golpes do inimigo contra a sua fortaleza granítica.

A primavera, porém, deve coincidir com a entrada em serviço de uma centena, ou mais, de novos submarinos cuja acção — dizem algumas pessoas — pode decidir da sorte do Império britânico.

Convém, todavia, lembrar que a primavera e o verão permitem, pela natureza das condições meteorológicas que caracterizam estas duas estações do ano, uma acção combinada muito mais eficaz contra os submarinos.

O bom tempo, no mar, dá aos contra-torpedeiros e aos outros navios de caça, possibilidades muito maiores do que aquelas que o outono e o inverno concedem, quando concedem algumas...

A boa visibilidade permite, por outro lado, a aviação de cooperação na caça ao submarino, localizar o inimigo em imersão e atacá-lo à bomba, até que cheguem os contra-torpedeiros chamados pela T. S. F. para completar a destruição do cilindro de aço.

Muitas vezes, de resto, o avião constitui arma de efeitos aniquiladores suficientes para prescindir de colaboradores no desempenho da sua tarefa.

O outono e o inverno de 1940 foram aproveitados cuidadosamente pelos ingleses na preparação das forças para dar caça aos novos submarinos inimigos: conseguiram-se cinquenta contra-torpedeiros dos Estados Unidos, lançaram-se muitos outros em estaleiros ingleses e canadenses, criou-se um novo tipo de navio caça-submarinos, fizeram-se mais vedetas.

Mas serão apenas estes os trunfos com

que a Inglaterra vai jogar, aliados simplesmente à melhoria das condições atmosféricas?

Um outro factor, consequência ainda das estações do ano que se avizinham, vai favorecer a Inglaterra na árdua tarefa de garantir o seu reabastecimento e de conter ou destruir os seus inimigos sobre os mares: a possibilidade que se lhe oferece de aliviar consideravelmente a densidade do cordão naval que envolve a ilha britânica desde o outono de 1940 ante de perspectiva de uma invasão hipotética.

A melhoria da visibilidade na Mancha e no mar do Norte vai permitir ao Almirantado a utilização, no reforço da escolta aos comboios e na caça aos submarinos, de uma boa parte dessas forças ligeiras que passaram este inverno em vigília constante, à espera de ver surgir da treva branca, as silhuetas fantásticas da frota de invasão.

A campanha submarina vai entrar, sem dúvida, numa fase mais intensa. Nada faz prever, porém, já pelas lições da crise grave de 1917, já pelos elementos de que hoje se dispõe, que resida nessa modalidade de guerra a chave da vitória para quem dela lance mão.

**NAUTILUS**





Dear Senhor ~~M...~~ ~~G...~~,

Yours faithfully,

Winston Churchill

## Retrato grafológico de Churchill

A grafologia é tida ainda em Portugal como ciência oculta, bruxaria e charlatanismo. E o que é mais de espantar é que tal conceito não é perfilhado apenas por leigos — tão propensos a crescer como a decrescer, por sugestão — mas perfilham dele também muitas pessoas que se jactam de acompanhar o progresso das ciências. A'parte Latino Coelho, Patrocínio Ribeiro e os dres. Joaquim Bensaúde e Santana Rodrigues (este, grafólogo hoje no Instituto de Medicina Legal de Lisboa) não sabemos de mais ninguém que no nosso país tenha realizado trabalhos sobre grafologia.

A verdade, porém, é que, apenas da crenças e descrenças de outros, a grafologia é uma ciência que fornece preciosos subsídios a outras ciências, particularmente à psicologia, à criminologia e à medicina. Tem como tal as suas bases, as suas leis e o seu método. Fundamenta-se na relação que existe entre o carácter e a escrita, semelhante à que existe entre o carácter e o gesto (pois a escrita, não é senão a reunião de numerosos pequenos gestos), e sofreu com êxito a verificação experimental de numerosos sábios psicólogos e fisiólogos, como, entre outros de renome internacional, Charles Richet, H. Ferrari, J. Héricourt, Alfred Binet, Emile Borel, G. Tarde, etc.

Conforme o primeiro daqueles, Charles Richet, concluiu, num trabalho sobre o assunto, "a mentalidade profunda dos indivíduos pode verificar-se na sua escrita: se eles são desordenados ou arrebatados, a sua escrita será incoerente; se pretenciosos e vaidosos, haverá no seu grafismo sinais inequívocos duma inchação do eu." Ou, segundo comentou o sábio psicofisiólogo prof. dr. Pierre Janet, "a escrita é uma fita cinematográfica dos actos do indivíduo, um precioso documentário. A psicologia tem de socorrer-se da grafologia." Pois, como opinou outro homem de ciência, o dr. Max Nordan, "que é a escrita, senão a auto-inscrição dos fenómenos psíquicos, realizada sem a ajuda de aparelhos complicados?" Para o prof. dr. Maurice Legrain, sábio catedrático da Faculdade de Medicina de Paris, "a escrita permite prognósticos, como diagnósticos." "Tenho — acrescenta o mesmo cientista — recorrido, sempre, com o maior êxito, na minha clínica, à grafologia

Vitoriosa, sistematizada como ciência, a grafologia é ensinada actualmente na Sorbonne; utilizada, nos países mais adiantados, em tribunais, casas de correcção, etc.; por médicos, interessados em conhecer profundamente a constituição e o temperamento dos seus clientes; por noivos desejosos de penetrar nos arcanos psicofisiológicos do ser a cuja vida pretendem ligar a sua; por directores de empresas, para melhor seleccionarem o seu pessoal; e praticada, em França, como profissão oficialmente regulamentada.

Inicia-se esta galeria de retratos grafológicos de vultos em evidência com a de Churchill. No grafismo deste notamos, logo à primeira vista: o vigor do traçado, o seu carácter centrífugo (veja-se como as pernas dos "f f", descem profundamente), a sóbria elegância das letras (observem-se principalmente as maiúsculas "D", "S", "M", "W" e "C"; a minúscula "y" de "your" e as vírgulas); e o ponto final colocado adiante de Winston.

O rabisco sob a assinatura é também sóbrio e elegante, ao mesmo tempo que original. Assinala-se, na primeira linha, uma orientação ondulante dos movimentos gráficos.

Trata-se duma escrita, para nos servirmos da terminologia técnica: quanto à velocidade, dinamo-génica, movimentada, inibida, pontuada; quanto à pressão vigorosa, firme, com relêvo; quanto à forma, redonda, com ligeiros ângulos, distinta, elegante, harmoniosa e sóbria; relativamente ao tamanho, pequena; quanto à direcção, ascendente, centrípeta e centrífuga; relativamente à continuidade, ligada e matizada; e, sob o ponto de vista da ordem, clara e muito espaçada.

Correspondem a tais característicos significados psíquicos que permitem traçar do primeiro ministro inglês o seguinte psicograma:

Um homem superior, de elevado sentido estético e portentosa imaginação criadora. Não repugna ao grafólogo, por sistema desconfiado, pessimista, imparcial e comedido na adjectivação, classificá-lo de genial. O vigor geral do traçado, a boa pressão e a orientação dos movimentos

(Continua na pág. 29)

(1) John Churchill, primeiro Duque de Marlborough, o mais antigo ascendente de Winston Churchill; (2) Lord Randolph Churchill, o pai do primeiro ministro inglês; (3) Jennie Jerome, a mãe; (4) o «primeiro» britânico aos 13 anos; (5) aos 21, oficial de Hussards; (6) artista; (7) automobilista; (8) os seus famosos chapéus; (9) seu neto, o mais jovem dos seus descendentes



Um grupo de soldados ingleses nas ruas de Benghasi. A alegria da vitória reflecte-se-lhes no rosto



Os escoceses são dos melhores soldados do mundo. Eis um deles exercitando-se numa carga à baioneta



Os austríacos avançam. 88 mil prisioneiros e enormes quantidades de material foram os resultados da batalha



A retirada gloriosa de Dunquerque foi a melhor experiência do Exército inglês. Algures, na Gran-Bretanha, um exercício em que se figura a defesa duma região



O arame farpado já não é uma defesa. Este soldado britânico treina-se no corte das terríveis "aranhas"

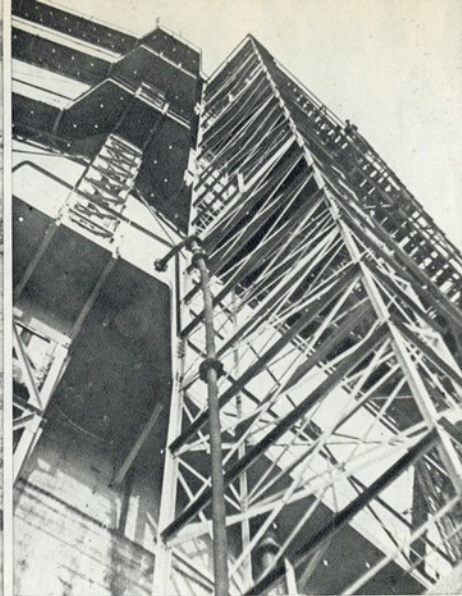


COMUNICAÇÕES CORTADAS

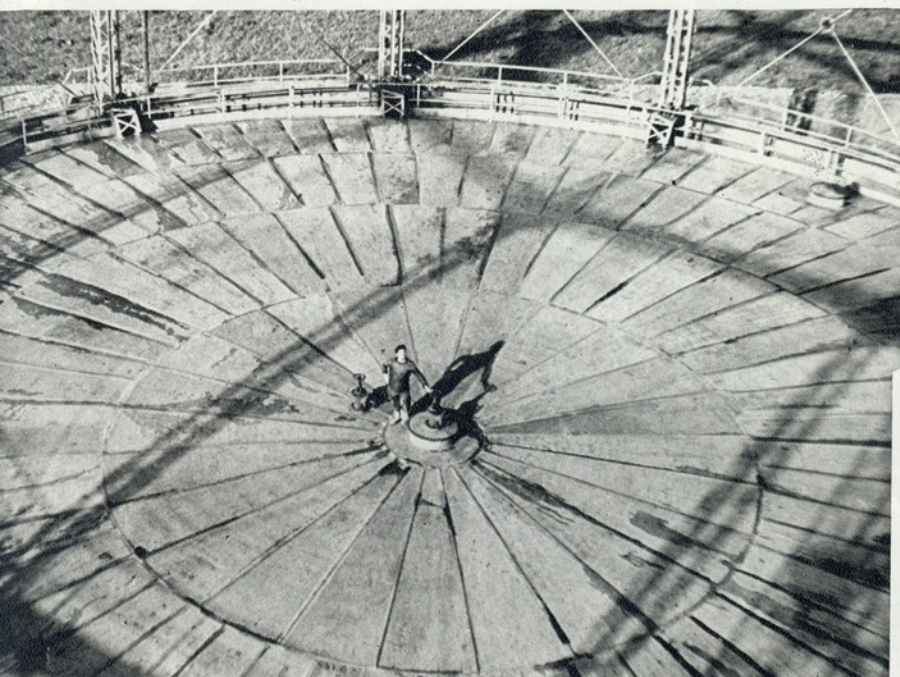
Foto :  
FERNANDO POZZAL



Foi assim que começaram as obras do novo gasómetro. Uma legião de operários e um comboio de vagonetas



Um curioso ângulo fotográfico duma torre metálica, que tem a altura dum arranha céus da Broadway



A cúpula do novo gasómetro, que parece uma vasta arena, já está montada. O seu raio mede algumas dezenas de metros

## Está salva a Torre de Belém!

A Torre de Belém, poema de pedra renhida, padrão glorioso da epopeia, à beira do Tejo, nas finas areias do Restelo por onde deslizaram as quilhas das naus que foram à Índia, sofreu, durante muitos anos, a maior afronta cometida, algum dia, contra os veneráveis monumentos da História.

Bloqueada entre montes de carvão, entalpada entre sórdidos barracões e casinhotos de ar desprezível e insolente, a meio de uma floresta de chaminés fumegantes, a formosa Torre, cujas pedras foram buriladas por cinzeiros de artistas primorosos, ostenta bem visíveis os sinais da

monstruosa profanação. O fumo e as emanações corrosivas tisonaram os deliciosos frisos desse monumento de sonho ou desgastaram mesmo algumas das figuras em pormenor e os seus suaves contornos, cobertos de fuligem, enegrecidos e esfarelados, quasi perderam a beleza ideal que resplandecia como último clarão no crepúsculo da epopeia.

Como foi aquilo? Como foi possível estabelecer um monstruoso gasómetro ao pé da Torre? E' um pouco complicada a história do facto que todos sempre deploraram e poucos compreenderam no seu justo valor. Houve quem quisesse evitar o desa-

cato e até parece certo que a Rainha D. Maria Pia se opôs, com todas as suas forças, à instalação da fábrica naquele lugar, mas outros poderes aniquilaram o nobre protesto da augusta soberana. Se houve até quem tivesse querido autorgar aos concessionários poderes para transformar os interiores da própria Torre nos escritórios da empresa!

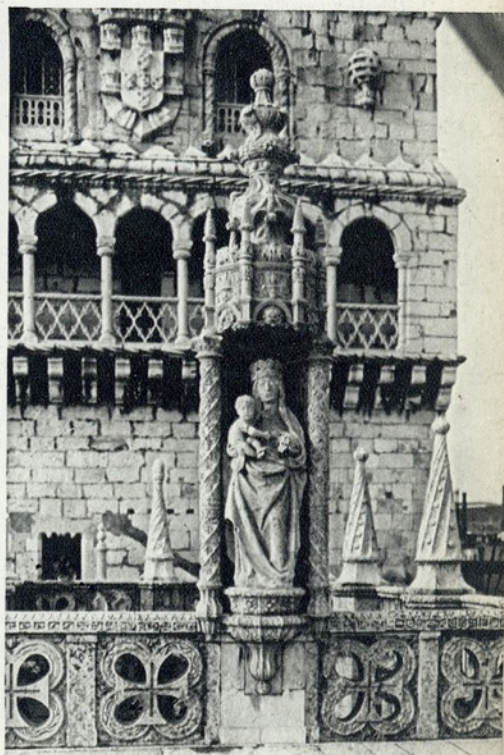
Em 1910, a edilidade tomou a iniciativa da remoção do gasómetro para outro local, tentativa que foi reatada em 1911. A questão foi-se arrastando com o tempo e, no ano seguinte, os jornais começaram a vociferar contra a permanência das instalações na fábrica em Belém. Surgiram os protestos da Sociedade dos Arquitectos e das Belas Artes e a questão avolumou-se. Tomou foros de cruzada nacional.

Finalmente, com a obra de renovação do Estado Novo o gasómetro viu os seus dias contados. Um decreto promulgado em 1928 resolveu o problema, com a transferência da fábrica para local apropriado, onde não possa causar dano ao património artístico da nação. A nova fábrica de gás ficará instalada, como se sabe, numa vasta área de terreno marginal, em parte conquistada ao Tejo, na Quinta da Matinha, ao Poço do Bispo.

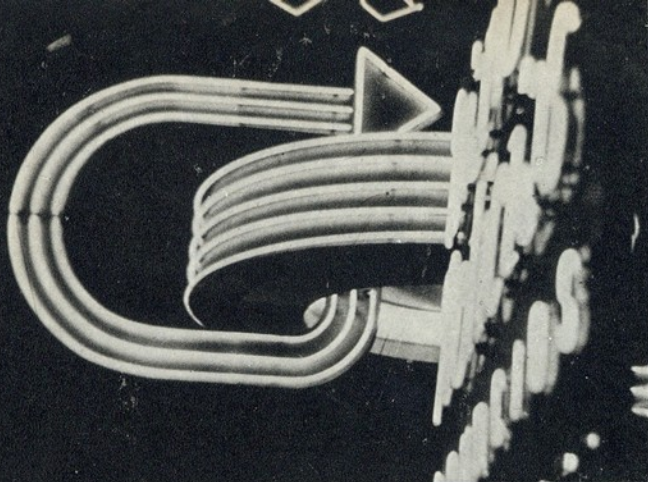
A fábrica da Matinha terá instalações aperfeiçoadas e ali o gás será purificado pelos mais modernos processos. E, para se avaliar da importância deste cometimento basta dizer que as 225 retortas de Belém serão substituídas, na nova fábrica, por 20 câmaras, instaladas no mesmo edifício, com 34 metros de comprimento por 22 de largura.

A esta obra colossal ficam ligados os nomes dos srs. Presidente do Conselho, ministro das Obras Públicas e Presidente da Câmara Municipal. Lisboa não poderá esquecer-se do seu esforço e compreenderá que lhes fica devendo a glorificação do seu mais nobre monumento.

—E isto foi sempre uma das maiores aspirações de todos os portugueses.



A Virgem de Belém, no seu baldaquino de rendas, padroeira dos navegantes e das navegações portuguesas



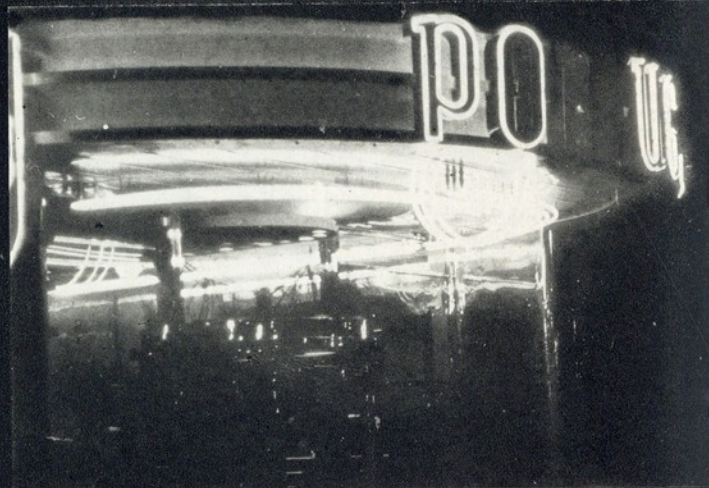
*Este réclamo luminoso, com as suas letras nictitantes, parece uma fonte de cristal*



*É como se fôsse dia 10. O leitor procura no «Diário de Lisboa», avidamente, as notícias da guerra. Quantas cidades sem luz!*



*Pedrrarias luminosas escorrem das velhas fachadas pombalinas. O Rossio é a grande feerie da cidade*



*O fulgor da cidade nocturna. Miríades de lâmpadas cintilantes como diamantes facetados*

# AS LUZES DA CIDADE

O progresso e as sucessivas transformações alteram constantemente a fisionomia das cidades.

Hoje, nos bairros de movimento, raro se vêem os candeeiros de gás bocejando de tédio às esquinas dos prédios, que no tempo do divino Eça, envolvidos na escuridão da noite, tinham aos olhos dos noctâmbulos o aspecto calmo e sinistro dos rostos idiotas.

A luz, expressão máxima do progresso e das arrojadas concepções do homem moderno, deu às cidades o deslumbramento da vida nocturna, o bulício, a alegria ruidosa dos grandes centros de populações heterogénias.

A luz é a alma das cidades, no nosso tempo.

Antigamente, quando vinha a noite, mal as estrelas começavam a pestanejar no céu a escurecer, Lisboa tornava-se silenciosa e toda ela era um vasto campo êrmo e povoado de sombras. A iluminação parecia reflectir o pálido fulgor dos astros adormecidos entre neblinas; a vida parava; não havia movimento, tudo parecia cismar no longo destêrro da noite impassível. E, só nas noites claras o luaceiro derramava transparentes clarões que espelhavam as vidraças, despertando as almas adormecidas. Era quando os poetas românticos faziam versos doces e os cães ladravam à lua.

São bem diferentes, hoje, as cidades, depois do anoitecer.

Logo que escurece começam a luzir milhares de lâmpadas que põem diademas de estrelas nas frentes das colinas e correm para o rio torrentes de luz que arrastam torvelinhos de pedrarias, com laivos de rubis e coloridos de esmeraldas.

A cidade surge radiante e, em plena Baixa, as ruas de timbre, as

praças e os lugares mais concorridos, oferecem perspectivas magníficas, numa teoria de luz estufante.

Os réclamos luminosos formam apoteoses solenes e, então, toda a gama de cores, desde o vermelho vivo ao doirado esmaecido, quasi como gema de luar, perpassa em jogos de fantasia que deslumbram e se conjugam na harmoniosa toada das cambiantes do arco-íris.

Alguns desses cartazes feitos de tintas luminosas são autênticas obras de artistas. Aliciam, falam à nossa sensibilidade, despertam-nos curiosidades e desejos, segredam-nos os prazeres da boémia nocturna e, pelo menos, regalam a vista.

Magníficas, na verdade, essas legendas de luz formam a crónica da existência nocturna das grandes cidades e das multidões que as animam.

Não é só o que cada um desses réclamos diz na combinação de letras faiscantes, mas o que inspira a quem os contempla, a sinfonia de cor e de luz, a animação que provoca nos locais onde se exibem e a característica que lhes imprime.

Alguns parecem sorrir, outros têm um ar de alegria comunicativa e todos dão ao burgo uma expressão de contentamento que se nos transmite.

Não se concebe, hoje, o panorama nocturno de uma cidade de categoria sem a apoteose dos cartazes coloridos e fulgurantes.

Essas legendas diamantinas são a alma de uma capital e afugentam os pesadelos que torturam as cidades, quando se engollam na escuridão das noites silenciosas e povoadas de espectros.

*João de Ourém*



# Página Feminina

de AURORA JARDIM

## Os pormenores da moda são o requinte da elegância

● O vestido inteiramente de malha ainda se usa, mas com variantes; colete e mangas de fazenda, *plastron* de veludo, aligeiras de peles.



Joyeux Tambourin é o nome deste chapéu criado por Hélène Sortier, executado em foulard de seda aos quadrados, guardado com fitas pretas, espetadas

● os botões mais modernos são formados por estrelas douradas.

● a duquesa de Windsor, a pesar-de estar tão longe, nas Bahamas continua a ter influência na moda. Assim, novas cores estão surgindo: azul-bahama (turqueza), *nassau-coral* (coral) *paradise pink* (rosa forte) *bahama-brown* (castanho avermelhado).

● o *tailorknit* é o novo casaco que vai um pouco até abaixo da anca e tem a particularidade de ser feito à mão com agulhas de meia, tendo o feitiço de *tailleur*. É a novidade da primavera e usa-se com saias de *tweed* ou de *lainage*. Presta-se a várias combinações de cores: azul cardigan com saia branca, folha morta com verde, vermelho com preto.

● para jantar no restaurante, com certo aparato, levar um *tailleur* branco de crepe marroquino com luvas chapéu e saca de veludo preto. ● um vestido todo preto será alegrado por dois cintos estreitos em tons diferentes: encarnado e verde, azul e amarelo, etc.

● como o lenço colocado «à mulher do povo» não fica bem a toda a gente, põe-se em cima um chapéu de feltro com aba pequena ou à moda de Ovar.

● até agora não se usavam jóias com vestidos de malha. Agora não se repara nisso, visto que o *tricot* até para a noite se põe.

● quem fôr magro, pode cingir o casaco largo, vago, com um cinto.

A roda que forma dá outra linha à silhueta.

● houve uma casa de modas, francesa, que apresentou saias para a rua, pelo tornozelo. Levantou protestos gerais.

● a blusa camiseiro usa-se a toda a hora. De manhã, em flanela, cambraia, popeline. De tarde em crepe e *lingerie*. À noite, em *lamé*. Os tecidos variam; no entanto, o feitiço é sempre o mesmo: o masculino.

## Seja económica

Quando vir que o seu *sweater* começa a tornar-se um pouco transparente nos cotovêlos, dê-lhe uma passagem por dentro com a mesma lã. Será invisível do direito e prolongará a duração.

Toda a gente abre o guarda-chuva para ele secar melhor, não é verdade? Pois é um engano: deve secar fechado e com o cabo para baixo. Se estiver aberto, a seda estica muito e rasga-se mais facilmente.

Se o papel da parede aparecer com uma nódoa, não pense logo em o mudar todo. Primeiro embeber a nódoa em éter sulfúrico. Depois aplique papel de seda dobrado em várias partes, fazendo com que ele chupe o éter e a nódoa. Experimente primeiro num pedaço solto, de papel. O ideal é guardar sempre duas peças para o que possa acontecer.

Se a saca de couro está com mau aspecto, lave-a rapidamente com água tibia uma escova mole e sabão. Em seguida, passe uma leve camada de pomada de calçado e escove com um pano de algodão sem pêlo.

## Regras de Etiqueta

### Na Rua

Não empurre as pessoas, proteja as crianças que passam, dê lugar aos mais velhos.

Evite ficar parado a conversar, não deite nada para o chão; é feio falar em voz alta ou rir estrondosamente.

Sair com o palito na boca, é coisa em que nem se fala e comer pela rua também não é correcto.

Não ponha o chapéu enquanto a senhora com quem está a falar lho não disser e ela é que deve fazer menção se quiser parar. Se, ao cumprimentar, levar a mão ao chapéu como tem medo de se constipar, o melhor é fazer de conta que não viu: ou cumprimenta como deve ser ou sujeita-se a que lhe virem a cara.

Se alguém tiver de descer do passeio, será o mais novo. O cavalheiro vai sempre do lado de fora; no meio da rua ou no Terreiro do Paço, dá-lhe a direita.

Imprimirá uma leve inclinação ao guarda-chuva para que não choque nos outros e prestará atenção para não tirar um olho a alguém.

Obedeça à ordem de qualquer «bicha»: quem primeiro chega, mais prerogativas tem.

Na passagem duma Igreja ou dum enterro, o homem descobre-se e a senhora benze-se.

Não faça má lingua: quando fôr arvo- rar o «tal sorrisinho» ao ver passar uma

mulher bonita, lembre-se que pode ser esposa ou irmã do cavalheiro que está a seu lado.

## Verdades

Comprar — é um dos maiores prazeres. Cuidado: é preciso não se deixar vender para poder comprar!

Platão chamou ao amor «um delírio enviado pelos deuses» Esqueceu-se de dizer: «é tão mal aproveitado pelos homens».

O homem não perdôa à mulher os defeitos sem os quais não gostaria dela.

Não pode existir amor perfeito senão entre duas almas absolutamente leais.

Qual é a palavra mais linda do mundo? É esta: nós.

## Conheça o seu tipo astronómico

Nasceu de 21 de Janeiro a 19 de Fevereiro

Signo zodiacal: Aquário

É diferente

Não se preocupa grandemente com as preocupações dos outros tanto que a não atinjam. Perde o sangue-frio nas pequenas coisas mas conserva-o nas grandes. É optimista e espalha coragem em seu redor. Tem tendência para a vida intelectual. *Côres dos meses*: Janeiro: branco — Fevereiro: cinzento.



Vestidos ligeiros para os primeiros dias primaveris. No centro, um elegante vestido de lã ferrugem. Chapéu de feltro e jersey no mesmo tom

# A "CAIXA" dos Grandes Armazéns

NOVELA DE ALEIXO RIBEIRO

Meu pai mandava-me sempre à Secção de Papelaria dos Grandes Armazéns, por ser mais barato. E ninguém pode calcular a impressão, quasi direi — o terror, que me fazia entrar sôzinho, por um caderno, um lápis, uma simples borraça, naquele casarão imenso, atravancado de coisas, com gente a aparecer e desaparecer por entre tudo aquilo, empregados e empregadas si-randando ou, pior, parados, meio ocultos, a confundirem-se com os manequins, com os olhos a suspeitarem roubos, e uma música enfadonha, de realejo, a ouvir-se por toda a parte, sem se saber de onde vinha. Isto começava pelo porteiro, inchado na sua libré, posto às portas envidraçadas, com qualquer coisa de homem metálico, a reluzir. Ah! e o que me custou, da primeira vez, a dar com a Secção de Papelaria, em certo andar daquele amontoamento de pisos, ao fundo, de um dos lados — conforme

fui sucessivamente informado por pessoas que despertavam para me responder...

Depois já eu caminhava quanto possível direito à Secção de Papelaria e ainda me impressionavam as mesmas palavras repetidas pelo caixeiro que acabava de em servir, rabiscando num talão:

— Faz favor, paga na caixa.

E esta «caixa» surgia a meus olhos, antes de a ver, com um mecanismo de manivela, uma campainha e um rosto de menina anichada por trás da redessinha metálica. Mas foi então que reparei na «caixa» da Secção de Papelaria dos Grandes Armazéns. Era linda, misteriosa, impossível, próxima e distante, por trás do orifício da rede de metal onde pus o talão do caixeiro e mais cinco escudos:

— Paga dois escudos e cinquenta centavos — disse ela, calma, fria. E acrescentou com o tilintar do trôco que me devolveva rapidamente:



— Dois escudos e cinquenta centavos, e cinquenta... três... quatro, cinco escudos!

E foi como se eu, que estava ali a um palmo de distância, deixasse de existir para ela. Bem procurei sorrir-lhe de encantado com o seu rosto, os seus olhos pretos; vi-a ficar impassível, e talvez assim mais linda, como as belas coisas que nos tentam por trás dos vidros das montras. Até que outro cliente da Secção veio tomar o meu lugar em frente dela, e a sua vôzinha apressada e metálica disse com o tilintar das moedas:

— Paga um escudo e quinze centavos... E quinze centavos, três escudos, quatro, cinco, e cinco, dez escudos!

E de novo quedou estática, impassível, encostando à mão o seu delicado rosto de olhos pretos, como um simples, embora vivo e encantador, mecanismo de receber dinheiro e tornar o trôco. Não tinha coração, nem alma, sequer um sorriso. E arranquei dela os meus olhos, espiei com maior temor os Grandes Armazéns e os vagos caixeiros que não tardariam a escorraçar-me da Secção de Papelaria por estar namorando a caixa, sim, a simples caixa!...

Precipitei-me a abandonar o tremendo casarão com a sua música de magia, as suas imensas coisas amontoadas, as suas sombras de gente e todo o seu ar demoníaco. Deixei às suas portas envidraçadas o inchado porteiro, autômato e luzente, respirei o ar da rua, livre, sem pesadelos...

«Vamos, disse comigo», ela não nasceu nem viverá sempre metida naquele nicho, a receber e a trocar dinheiro, a um

canto dos Grandes Armazéns. Logo, quando estes fecharem, sai do seu esconderijo por trás da redessinha de metal, deixa de ser a «caixa»; põe o seu chapéu, ou talvez ande em cabelo, mas vem para a rua, vai para casa, rindo, folgando, tem talvez um namorado, gosta dele, diz-lhe meiguices. Já me contentava com que ela gostasse de outro, sinal de que tinha coração, sensibilidade no corpo. E o resto era comigo. Porque sentia já não poder renunciar a ela, a enigmática, misteriosa caixa dos Grandes Armazéns!

Não sei, nesse dia, o que mais fiz, por onde andei, nas ruas da cidade. O certo é que não fui para casa. Ainda com o rôlo dos dois cadernos na mão e, na algibeira o lápis e a borraça comprados na sua Secção, esperei-a à saída do pessoal dos Grandes Armazéns, quanto mais não fôsse, para ver como ela era cá fora, seguir-lhe os passos até a sua casa, sem ainda lhe falar! E o gordo porteiro, fardado e luzente, fechou as vidraças aos clientes, depois começaram a sair os empregados e empregadas, rapazes e raparigas vulgares, até modestos, mas debalde vasculhei com o olhar ansioso todos os seus rostos, sem dar com o da caixa da Papelaria!

«Bem», tornei a dizer-me a mim próprio «lá dentro com certeza que não ficou. Deixei-a passar, não a reconheci, tão igual ela é, cá fora, a todas as outras raparigas». E voltei para casa, onde minha mãe me estranhou não sei o quê, talvez só a minha ausência de casa toda uma tarde. Mas, nessa noite, sonhei com a caixa dos Grandes Armazéns; sonhei

## Máquinas de Escrever

# ROYAL

A Máquina N.º 1 do Mundo  
com Marginação Mágica

Modêlos comerciais e portateis

Máquinas de calcular **"FACIT,,**

Ditas de Somar **"VICTOR,,**

Ficheiros **"RONEO,,**

ARTIGOS PARA

Equipamentos de Escritório

SOC. COM. LUSO-AMERICANA, L.<sup>DA</sup>

LISBOA

PORTO

R. da Prata, 145

339, R. Sá da Bandeira

## CRÓNICA ALEGRE

## "O tempo que faz"

que a tinha desencantado de ser uma simples caixa para a tornar na minha mansa e terna noiva, com a meiguice dos meus carinhos e os meus beijos de amor. Depois, não descansei enquanto não fui comprar mais um lápis aos Grandes Armazéns, para a ver no seu nicho da Secção de Papelaria. E o que pareceu tão fácil no meu sonho, tornou-se absurdo diante do seu rosto delicado e sério, dos seus impossíveis olhos pretos, por trás da redezinha de metal. Não poderia sequer tocar-lhe, sob o risco de receber um choque eléctrico, qualquer coisa de fulminante, e que, no entanto, desseji.

Tinha de reconhecê-la à saída dos Grandes Armazéns, ainda que tivesse de indispor a minha mãe e, pior, o meu pai, com uma nova e longa ausência de casa! E reconheci-a, acotovado, como tonto, entre os demais pessoal. Eram os seus olhos pretos, então bulhosos, era o seu rosto, que estava por trás da redezinha. Pareceu-me mais franzina de corpo do que a vira no meu sonho, vestia um casibique curto, uma saia a dançar das ancas até aos joelhos, ia em cabelo e pelo braço de outra, cada qual com a sua lancheira na mão. Segui-a através do movimento da cidade e, num grande triunfo vi-a, a certa altura, separar-se da companhia, com um beijo, um beijo que invejei — e seguir sozinho. Alcançei-a, trêmulo de me ver ao seu lado, falei-lhe então, sufocadamente:

— Boa tarde. Como está? Já a conheço de ir lá aos Armazéns...

No ar de noite que caía, ela olhou-me, não já com os seus olhos pretos e impassíveis de «caixa», nem ainda de gente, mas de bicho. E insisti-lhe amigável:

— Ainda hoje estive lá na Secção de Papelaria.

— Que tenho eu com isso? tornou-me ela estugando o passo, bicharoca assanhada.

E, delicado, desanimado, deixei-a para seguir um pouco atrás. Vi-a perder-se por um bairro pobre, onde enfiou na escada de qualquer prédio. Mas antes de entrar — não! não foi ilusão minha na obscuridade — ela voltou-se!...

No mesmo sobressalto reparei que tinham aceso os candieiros da rua, e ia chegar a casa mais tarde que na véspera. Meus pais já estavam à mesa e indignaram-se, minha mãe lembrou-me a mim próprio que não aparecera em casa para almoçar. Na verdade, tinha ido das aulas para os Grandes Armazéns e, à espera de ver sair a «caixa», esquecera o almoço. Tinha mesmo esquecido os livros num banco do jardim público onde estivera. E mais: achava-me sem cabeça para estudar, quando se aproximava o meu primeiro exame do Liceu!

No dia seguinte levantei-me mais cedo mas falei à primeira aula para ir esperar a «caixa» à saída do seu prédio e acompanhá-la aos Grandes Armazéns. No ar límpido da manhã, ela reconheceu-me: já

não fui a seus olhos pretos, pouco menos que um cliente dos Grandes Armazéns, uma simples sombra da noiteinha. Eu ainda lhe sorri, mas não ousei dirigir-lhe a palavra. Então, sobretudo me impressionou a modéstia, quase pobreza, do seu traje, tanto o casaco como a saia. E desejei ardentemente, não só tirar todo o liceu, mas ainda um curso superior, para casar com ela e, desencantando-a de «caixa» dos Grandes Armazéns, dar-lhe lindos, ricos vestidos de princesa!

Assim, mal que a vi entrar no grande casarão, corri para o liceu e, findas as aulas, voltei para casa almoçar e estudar um pouco, antes de ir à saída. Debalde protestei as boas notas que sempre tivera no Liceu, e que precisava urgentemente dum caderno. As ordens de meu pai tinham sido expressas, terminantes. Desesperei-me, ninguém calculará a enormidade do meu desespero. Temi, em primeiro lugar que, tendo ela começado a reparar em mim, nas minhas pretensões, logo reparasse na minha falta de constância. E não estava apenas aqui o meu tormento; era só seu princípio, porque ele não tinha fim. Eu já não poderia estudar mais, perdera a memória, ela não passava de uma simples e pobre caixa e não nos poderia mais casar. Então tudo começou a baralhar-se na minha cabeça, a cair em ruínas. Só sentia ódio pelo mundo e comeci por ameaçar meu próprio pai:

— Já não estudo mais, não posso. Nem quero!

— Empregamos-te! — ameaçou-me pelo seu lado.

Esta ameaça pareceu-me uma brusca e luminosa salvação, e propus empregarem-me nos Grandes Armazéns, na Secção de Papelaria. Meu pai ficou varado com a minha encantada resposta. Minha mãe conduziu-me ao quarto e ajudou-me a deitar. Depois só recordo que acordei esfalfado, moído, e, agarrada a mim, a mamã perguntava-me com voz de lágrimas:

— O que fizeste, meu filho? Diz... Tiraste dinheiro numa caixa dos Grandes Armazéns? Diz... E gastaste tudo?...

Eu devia ter sonhado alto, e compreendi-a, mas senti prazer em não lhe desfazer o engano. A «caixa», a verdadeira, a viva, estava perdida para mim. Veio o médico, e o constante cuidado de minha mãe foi dar-me os remédios que o Doutor receitou a falar-me do dinheiro que supunha eu ter tirado numa simples caixa mecânica dos Grandes Armazéns. Depois, pouco a pouco, dia a dia, fui sentindo um grande bem-estar, uma doce tranquilidade e sosseguei a pobre mamã:

— Descanse, não roubei nada. Juro pela sua saúde.

E, nessa tarde, quando o médico voltou, também a sossegou, dizendo-lhe:

— Não fez este ano o exame, fará para o ano que vem. Agora ele descansa. Já está bom, não torna a ver mais fantasmas nas caixas dos Grandes Armazéns!...

Eu interessei-me sempre pelo tempo, possivelmente por ser mais antigo do que ele. Já uma vez me disseram que eu nasci antes do tempo.

A minha leitura predilecta é o Borda d'Água. Todos os anos compro um exemplar e, dia a dia, vou-o consultando e guiando, por ali, a minha vida. E é que o Borda d'Água é uma infalibilidade a toda a prova. Quando anuncia chuva, quase sempre chove e quando anuncia bom tempo quase sempre há sol.

Mas eu sei que esta ciência de saber o que do céu nos vem está muito adiantada. Imensos senhores desataram a estudar, tiraram cursos formidáveis e, depois disto põem-se a olhar para as nuvens, a farejar de que lado vêm os ventos, a cocar as temperaturas e, com uma impressionante precisão anunciam ciclones, vendavais, tempestades, chuvas, frio, sol, calor, neve, etc.

Está tão adeantada esta ciência que, hoje, qualquer pessoa pode prever o tempo. Basta para isso ter um amigo nos Açores que lhe manda dizer de lá, todos os dias, como vai aquilo por lá. Está provado que dos Açores é que vêm, além dos ananazes, das bananas e dos ilhéus, os bons e os maus tempos.

O «Diário de Lisboa», para interesse dos leitores começou há pouco a publicar, com desenvolvimento, uma seção intitulada: «O tempo que faz». Lê-se aquilo e fica-se perfeitamente inteirado, porque é de fácil apreensão. E sendo vejamos este bocadinho:

«Embora no Atlântico Norte e Europa não haja nenhuns dados de estações meteorológicas para além de 45° de altitude é, muitas vezes, possível por extrapolação do campo isobárico conhecido situar, com

uma certa aproximação, os números barométricos das depressões que se formam nessas regiões. E' assim que podemos assinalar a translação do mínimo que estava nas proximidades da Islândia para as proximidades do mar do Norte. A essa translação correspondeu uma irrupção de ar polar até à zona a NE dos Açores (cá estão os Açores metidos nisto) onde passava o ciclone secundário assinalado em direcção ao Norte da Península.»

Perceberam?

Isto é facilíssimo. Quando não haja notícias das estações meteorológicas para além de 45° de altitude faz-se a extrapolação do campo isobárico conhecido e situa-se com uma certa aproximação os números barométricos das depressões que se formam nessas regiões. Tudo isto é, mais a translação do mínimo que estava nas proximidades da Islândia para as proximidades do mar do Norte e ainda da irrupção de ar polar até à zona NE dos Açores corresponde a uma carga de água em Lisboa e a uma rabinada de vento tão grande que até os chapéus de chuva se voltam do avesso.

Como leitor vê isto do mau tempo é muito curioso, muito interessante e, sobretudo muito fácil. É tudo uma questão de hidrometeoros prefonitais, frentes quentes, nuvens stratiformes e frentes oclusas.

No entanto este fenómeno é para mim muito estranho e, pura e simplesmente, por vir dos Açores. Como o leitor sabe tão bem como eu naquelas ilhas a tendência é ir para a América.

Ora se lá tudo tem a mania de emigrar para a América porque é que o ladrão do mau tempo há-de vir para Portugal?

MARÇAL SALDANHA

## Retrato grafológico de Churchill

(Conclusão da pág. 20)

gráficos documentam um dinamismo e uma energia invulgar na sua idade, relativamente avançada, que a tremura do "D" inicial, certas inibições e o acabado da forma denunciam. Mais: é uma personalidade, cuja dominante de carácter é a intrepidez, a energia indomável. Os signos grafonómicos desta em Churchill (vigor geral do traçado e centriptismo) são os mesmos que se acusam na escrita do marechal Foch. Pode bem dizer-se do primeiro ministro inglês que é um homem "de antes quebrar que torcer". A-par disto, acusa-se nitidamente no seu grafismo um espírito ponderado, um auto-domínio, bem bri-

tânico. Temperamentalmente, é um bilioso.

Mas, o que mais impressiona o grafólogo é a circunscricção de não haver na escrita de Winston Churchill um único signo de vaidade ou de orgulho, tão legítimos, de resto, em quem, como ele, possui predicados e significação histórica, de que pode envaidecer-se e orgulhar-se.

Concluindo: Churchill é, mais que um político na vulgar acepção da palavra, mais do que um diplomata, do que um negociador de situações, um condutor, um galvanizador de povos.

Roberto das Neves

## CINEMA

A OFENSIVA DO FILME INGLÊS...

PRODUÇÃO

## Uma grande lição da Gran-Bretanha

O cinema europeu existe, actualmente, como indústria organizada?

A resposta não é fácil de dar... Antes da eclosão do conflito que ensanguenta o Velho Continente, o espectáculo da tela provocou, com êxito, em todos os campos, cultos ou não, que representa, em poderio, uma das principais contribuições—senão a mais importante—da inteligência humana. A sua influência, persistente, pelos hábitos e concepções novas que cria ou ajuda a coordenar, tornou-se um factor de primordial importância na vida de cada país. E' que o seu campo de acção é enorme, como vastos são os seus recursos, cujo emprêgo levanta um sem número de problemas, sob as mais diversas formas, que não se podem abarcar na hora que passa. Da sua acumulação, que nos facultou o conhecimento da falta de uma indústria organizada, resultou, numa época como a nossa, que muda com a rapidêz dum caleidoscópio, o cinema europeu capilar ante a ofensiva do filme americano...

A's pretensões de Hollywood registou-se, porém, um caso de resistência, que nos apraz referir: foi a Inglaterra que, para alicerçar a produção de filmes em bases sólidas, decretou uma série de medidas proteccionistas que deram em resultado não só limitar os ambiciosos planos de exploração dos magnates de Hollywood como ainda contribuíram para fazer prosperar a sua indústria. Hoje, o cinema inglês está em pleno ressurgimento, graças à acção inteligente de meia dúzia de homens que, apoia-

dos pela alta finança, meteram ombros à empresa. A Inglaterra, dando, assim, ao mundo, uma das maiores lições económicas que se tem dado em trinta anos de cinema, assegurou a produção continua dos seus filmes, que se contam entre os melhores da hora actual.

A Vida Privada de Henrique VIII, com Charles Laughton; Catarina da Rússia, com Elizabeth Bergner; The Scarlet Pimpernel e Pigmalhão, com Leslie Howard; A Pousada de Jamaica, com Charles Laughton; A Vida Futura, de Wells, e, entre os mais recentes, a grandiosa produção colorida, de Alexandre Korda, O Ladrão de Bagdad, com Sabu e Conrad Veidt, constituem obras que marcam uma directriz, revelam uma orientação segura, que não pode deixar de produzir magníficos frutos.

Mas... e a guerra? Nada de sustos. A guerra eclodiu no momento em que o cinema inglês necessitava de «qualquer coisa de novo» que o ajudasse a consolidar a sua existência. Quando todos o julgavam atacado duma anemia profunda ou produzindo apenas para as necessidades do mercado confinado às próprias dimensões do seu território, os estúdios britânicos, sem nunca baixarem o nível técnico e artístico das suas obras, provam, com sucessivos e brilhantes exemplos, que podemos confiar, num futuro próximo, no regresso a um período áureo, porque não lhe faltam valores, nem possibilidades para reconquistar posições perdidas...

ANTÓNIO LOURENÇO



Uma imagem do violento film policial «O Presídio de Alcatraz» considerado pela crítica como um dos mais vibrantes espectáculos da actualidade



James Stewart e Jean Arthur, os dois famosos protagonistas de «Não o levarás contigo» voltam a aparecer juntos em «Peço a palavra!», outra sensacional realização de Frank Capra

## Peço a palavra!

Entre as grandes estreias, que se anunciam esta temporada, figura Mr. «Smith goes to Washington» que, segundo nos consta, será apresentado, em Lisboa, com o título *Peço a palavra!* E' um filme de Frank Capra.

Estão ainda na memória do público, os êxitos alcançados por Frank Capra nas suas obras precedentes. O assunto é uma sátira maravilhosa. Através de uma intriga engraçadíssima, Capra escarpeliza certas concepções, vulgarizadas nos nossos dias, que farão delirar o público à gargalhada. A crítica americana coloca *Peço a palavra!* num plano muito superior a *Não o levarás contigo*. Acreditamos nesta referência, porque Frank Capra nunca desiludiu ninguém!

## O Presídio de Alcatraz

Consta-nos que foi exibido, há poucos dias, em sessão privada, num dos nossos grandes cinemas, um filme que vai produzir verdadeira sensação. Intitula-se *O Presídio de Alcatraz*, cujo desempenho corre confiado a Ann Sheridan, ao impulsivo e sinistro John Lirrel e à deliciosa Mary Maofguire. O assunto foca um dos mais impolantes casos de refundição correcional, que o Governo americano tem estudado para exterminar todos os focos onde a vasa social se propaga e agita em constante fermentação. A acção tem por cenário o Presídio de Alcatraz, a conhecida e tenebrosa «Alcatraz Island», que os criminosos americanos receiam ainda mais do que as sinistras grades da célebre penitenciária de Sing-Sing.

## Leitão de Barros para um novo filme?

A notícia corre, em todo o nosso meio cinematográfico, com uma prodigalidade de pormenores que não deixa dúvidas a ninguém... Entre os nossos profissionais reina, por isso, grande entusiasmo. E justificado. A perspectiva de alguns meses de trabalho, nos duros tempos que correm, não pode deixar de os encher de júbilo. Num país como o nosso, onde os verdadeiros valores cinematográficos se contam dificilmente pelos dedos, a reaparição do distinto artista merece ser festejada, com alvoroço, por aqueles que confiam, cegamente, nas suas brilhantes qualidades.

Nenhum, como ele — sem dúvida, o mais moderno e, porventura, o mais lúcido espírito desta geração — tem ligado o seu nome às melhores produções nacionais, nem, tão pouco, tem esbanjado a mãos cheias o talento, que em Leitão de Barros se multiplica em iniciativas originais, que não morrem nunca...

Sabemos que, agora, dispõe de recursos que lhe faltaram, em absoluto, quando da realização de outros fil-



Leitão de Barros

mes. Esta circunstância fortalece o espírito daqueles que confiam em que, na obra que vai empreender, tão carinhosamente estudada, nos possa dar, no cinema, a medida justa do seu robusto talento. O seu novo filme, baseado num argumento do Dr. Alfredo Cortez, o vigoroso dramaturgo de «O Lodo», conta com o apoio de algumas entidades da Póvoa de Varzim e focará os antigos costumes e tradições poveiras.



O sr. Manuel A. dos Santos Nunes Pina enviou para o Concurso de Fotografia do Mundo Gráfico, que despertou enorme entusiasmo, não só no País como no estrangeiro, e se encerra hoje, este curioso instantâneo. No próximo número daremos o resultado da classificação.

# MUNDO GRÁFICO



**Prithipal Singh**  
oficial da  
R. A. F.  
que por ser indiano  
usa o turbante  
característico

